



**FACULDADE DE AGRONOMIA E ENGENHARIA FLORESTAL
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

**FUNCIONAMENTO E DESAFIOS DAS RÁDIOS COMUNITÁRIAS -ESTUDO DE
CASO DA RÁDIO COMUNITÁRIA DE HOMOÍNE**



Autor: Judith Chihulume

Supervisor: Prof. Doutor Luís Artur

Co-Supervisor: Professor Doutor Armindo Ngunga

Maputo, Dezembro de 2016

FUNCIONAMENTO E DESAFIOS DAS RÁDIOS COMUNITÁRIAS - ESTUDO DE
CASO DA RÁDIO COMUNITÁRIA DE HOMOÍNE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Agrário, da Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade
de Agronomia e Engenharia Florestal, como parte dos requisitos necessários
à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Supervisor: Prof. Doutor Luís Artur

Co-Supervisor: Professor Doutor Armindo Ngunga

A

Aprovação do Júri

Este trabalho foi aprovado no dia 16 de Dezembro de 2016 por nós, membros do júri
examinador da Faculdade de Engenharia Agronómica e Florestal, Universidade Eduardo
Mondlane.

Examinada por:

Eunice Cavane, PhD

(A Presidente do Júri)

Nícia Givá, PhD

(A Arguente)

Luís Artur, PhD

(O Supervisor)

MAPUTO

2016

RESUMO

A presente dissertação resulta duma pesquisa sobre o funcionamento e desafio das rádios comunitárias e tem como foco de estudo, a Rádio Comunitária do Distrito de Homoíne (RCH). Apesar de existência de rádios comunitárias no país, pouca pesquisa académica foi feita no sentido de aferir o funcionamento e desafios nas zonas onde as mesmas estão inseridas. Assim, o presente estudo tem como objectivo analisar o funcionamento da rádio comunitária de Homoíne para o desenvolvimento local. A recolha de dados foi baseada num inquérito a 395 agregados familiares, entrevistas a 26 informantes-chave e a observação das condições locais de inserção da rádio. Os resultados do estudo mostram que a rádio é o meio de comunicação mais usado no distrito com cerca de 83%, contra 11,9% de TV e 5,1 da imprensa escrita. Em relação a rádio, 69,6% escuta a rádio local (RCH) e destes, 41,5% são homens e 28,1% são mulheres. Portanto, 43% de entrevistados afirma escutar todos os dias, sendo que sábado e domingo são os dias que mais escutam, pois passam muito tempo em casa. Uma das grandes motivações para escutar mais a RCH é devido as notícias veiculadas que são de grande interesse (31%), o uso de línguas locais (21%), uma vez que cerca de 75% de programas são apresentados em *Xitshwa*, língua local. No geral, a notícia (21%), o desporto (20%) e os programas educativos (18%), são os programas mais escutados. O estudo nota ainda que existe uma associação entre escutar a rádio e o nível de escolaridade, sendo que os mais escolarizados escutam de forma mais diversificada em relação aos menos escolarizados. A maior parte dos que escutam acha que a rádio local participa no desenvolvimento local, pois este meio dissemina informação que permite ao longo do tempo, moldar novas formas de organização da sociedade e promove a cidadania e a democracia. Porém, observa-se uma limitada participação das comunidades na definição dos conteúdos programáticos da rádio. Por isso, há necessidade de envolvimento das comunidades na elaboração de programas em língua local, com vista aumentar o número destes. Para além de capitalizar todas as potencialidades que a RCH apresenta, a RCH precisa de superar as fraquezas e ameaças associadas a ausência de corpo redactorial, falta de recursos financeiros e técnicos.

Palavras-chave: *Rádio comunitária, desenvolvimento local, comunicação social.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus orientadores, Prof. Doutor Luís Artur e Professor Doutor Armindo Ngunga, pela grande mestria com que orientaram esta tese e o tempo que generosamente dedicaram, transmitindo os melhores e os mais úteis ensinamentos com muita paciência, bem como pelas críticas sempre oportuna e construtivas, a que estou inteiramente grata.

À minha família, com muita ternura agradeço o apoio imprescindível, com destaque para o meu esposo, Zefanias Chihulume, filhos: Blessing Chihulume e Tinashe Chihulume.

Ao Dr. Aires Ali, pelo incentivo em prosseguir com os estudos e pela bolsa concedida.

Aos meus irmãos Mussagy, Bernardo, Belinha Mascarenhas, Ricardino e Dalila Munguambe que deram apoio moral durante a minha formação.

Aos meus colegas de trabalho, Glória Muianga, Loice Cossa, Mário Tavares, Edmundo Galiza Matos e Marcos Muledzera que vezes sem conta encobriram as minhas “escapadinhas” para resolver assuntos pontuais da escola;

À minha amiga Yolanda, pela paciência e força que deu.

Aos funcionários da Rádio Comunitária de Homóine, ARCO, pela colaboração durante a recolha de dados.

Aos funcionários do Governo distrital de Homóine, pela paciência, colaboração no fornecimento de informação.

Ao corpo docente da UEM-FAEF, que com muita dedicação me transmitiram os seus conhecimentos.

Aos colegas e amigos do mestrado, pela amizade, pela ajuda e pelo companheirismo: Jaime Macuácuá, Mirza Lobo, Augusto Macucule, Jeremias Moiane, Dalton da Cruz, Hector Motatano, Sérgio Julane, Zé Carlos, Felisberto Mabuie, Almeida Tembe, Félix Magalhães, Norato Xerinda, Mussá e outros que aqui não mencionei, não se sintam esquecidos;

Por último, mas não menos importante, agradeço a todos que me apoiaram nesta longa caminhada e contribuíram para a realização deste trabalho.

A todos, o meu **Muito Obrigada!**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais:

João Mascarenhas e Madalena Munguambe,

Ao Prof. Doutor

Firmino Mucavele (*in memoriam*)

DECLARAÇÃO

Eu **Judith Celeste João Diquissone - Chihulume**, declaro por minha honra que o presente trabalho foi por mim elaborado como resultado de uma pesquisa feita sobre “Funcionamento e Desafios das Rádios Comunitárias, Estudo de caso: Rádio Comunitária de Homoine” sob orientação do Prof. Doutor Luís Artur e apoio do co-supervisor Professor Doutor Armindo Ngunga, e que as fontes usadas são originais. O mesmo tem a sua originalidade e nunca foi apresentado nesta e em outras instituições de ensino e de pesquisa.

Maputo, Dezembro de 2016

(Judith Chihulume)

ÍNDICE

RESUMO	i
AGRADECIMENTOS	ii
DEDICATÓRIA	iii
DECLARAÇÃO	iv
LISTA DE TABELAS	vii
LISTA DE FIGURAS	vii
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	viii
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Problema e Justificativa de Estudo	3
1.2. Objectivos	5
2. REVISÃO DA LITERATURA	6
2.1. Principais Conceitos.....	6
2.2. Surgimento das Rádios Comunitárias	8
2.3. Funcionamento das Rádios Comunitárias.....	9
2.4. Importância das Rádios Comunitárias	10
2.5. Historial da Comunicação Social em Moçambique	12
2.6. Historial das Rádios Comunitárias em Moçambique.....	16
2.7. Programação de uma rádio comunitária.....	18
2.8. Impacto das Rádios Comunitárias nas comunidades	19
2.9. Sustentabilidade das Rádios Comunitárias	20
2.10. Desafios das Rádios Comunitárias.....	21
3. METODOLOGIA	23
3.1. Caracterização da Área de Estudo	23
3.1.1. Localização geográfica e população de distrito de Homoíne.....	23
3.1.2. Perfil do Distrito de Homoíne.....	24
3.2. Procedimentos metodológicos	26
3.2.1. Tipo de pesquisa.....	26
3.2.2. Tamanho da amostra	26
3.2.3. Amostragem.....	28
3.2.4. Técnicas de recolha de dados.....	29
3.2.4. Principais parâmetros em análise	31
3.2.7. Processamento e análise de dados.....	32
3.2.8. Limitações do estudo	33
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
4.1. Historial da Rádio Comunitária de Homoíne	34
4.2. Características gerais dos entrevistados	36
4.3. Hábitos de Consumo Local da Mídia.....	37
4.4. Género e mídia radiofónico.....	38

4.5.	Emissora mais escutada	40
4.6.	Média semanal em que escuta a RCH.....	40
4.7.	Dia da semana que escuta mais a RCH.....	41
4.8.	Motivo pelo qual escuta mais a RCH.....	42
4.9.	Hábito de escutar a RCH por nível de escolaridade.....	43
4.10.	Linhas editoriais da RCH.....	44
4.11.	Categoria do programa e tempo de antena semanal.....	46
4.13.	Línguas utilizadas na RCH	49
4.14.	Percepção das comunidades sobre o papel da RCH no processo de desenvolvimento rural	51
4.15.	Identificação de oportunidades e desafios da RCH na promoção do desenvolvimento local	53
5.	CONCLUSÕES.....	55
6.	RECOMENDAÇÕES.....	56
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	58
	APÊNDICES	ix
	ANEXOS.....	xiv

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Características que distinguem media tradicional do comunitário	19
Tabela 2: Distribuição da população por localidades	24
Tabela 3: Localidades e Número de AF's.....	27
Tabela 4: Descrição das limitações no estudo.....	33
Tabela 5: AF's que escutam e não escutam a RC por faixa etária e nível de educação.....	37
Tabela 6: Razões apontadas pelos AF's como motivação para escutar rádio.....	42
Tabela 7: Categoria do programa e tempo de antena semanal.....	47
Tabela 8: Análise de FOFA	53

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do Distrito de Homoíne.....	24
Figura 2: Mídia audio visual e impressa.....	38
Figura 3: Emissora mais escutada	40
Figura 4: Quantidade de vezes que se escuta a rádio por semana	41
Figura 5: Dias da semana que escutam mais a RCH	41
Figura 6: Relação entre hábito de escutar rádio e o nível de escolaridade	43
Figura 7: Programação da rádio preferida pelas comunidades locais.....	44
Figura 8: Línguas usadas na RCH.....	49
Figura 9: Línguas preferidas pelos ouvintes da RCH....	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AF's	-	Agregados Familiares
AIM	-	Agência de Informação
AM	-	Amplitude Modulada
AMARC	-	Associação Mundial de Radiodifusores Comunitários
CAICC	-	Centro de Apoio à Informação e Comunicação Comunitária
CRM	-	Constituição da República de Moçambique
DTIP	-	Departamento do Trabalho Ideológico
FEAF	-	Faculdade de Engenharia Agronómica e Florestal
FM	-	Frequência Modulada
FNUAP	-	Fundo das Nações Unidas para a População
GABINFO	-	Gabinete de Informação
GCS	-	Gabinete de Comunicação Social
GdM	-	Governo de Moçambique
HIV	-	Vírus da Imunodeficiência Humana
IBIS	-	Organização Não Governamental Dinamarquesa
ICS	-	Instituto de Comunicação Social
INDER	-	Instituto de Desenvolvimento Rural
INE	-	Instituto Nacional de Estatística
KTV	-	Klint Televisão
MAE	-	Ministério de Administração Estatal
<i>Mcel,</i>	-	Moçambique Celular
<i>Movitel</i>	-	Telecomunicações em Movimento, operadora de telefonia móvel
MT	-	Metical (moeda moçambicana)
OGE	-	Orçamento Geral do Estado
OMS	-	Organização Mundial de Saúde
ONG	-	Organização Não Governamental
PEDSA	-	Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Sector Agrário
PNUD	-	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
RC	-	Rádio Comunitária
RCH	-	Rádio Comunitária de Homóine
RM	-	Rádio Moçambique
RP	-	Rádio Progresso
RRTV	-	Rádios e Televisões Rurais
RTP	-	Rádio e Televisão de Portugal
SIDA	-	Síndrome de Imunodeficiência Adquirida
SOICO	-	Sociedade Independente de Comunicação
SPSS	-	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
STV	-	Soico Televisão
SWOT	-	<i>Strengths</i> (Forças), <i>Weaknesses</i> (Fraquezas), <i>Opportunities</i> (Oportunidades) e <i>Threats</i> (Ameaças)
TDM	-	Telecomunicações de Moçambique
TIM	-	Televisão Independente de Moçambique
TV	-	Televisão
TVM	-	Televisão de Moçambique
UNESCO	-	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNICEF	-	Fundo das Nações Unidas para Infância
<i>Vodacom</i>	-	Operadora de telefonia móvel

1. INTRODUÇÃO

Nos dias que correm, o desenvolvimento rural tem vindo a ser matéria de discussões em várias esferas da vida social em Moçambique e não só. O governo, o sector privado, as organizações da sociedade civil e as comunidades locais, todos concordam sobre a necessidade de adopção de mecanismos sustentáveis para melhorar as condições de vida das famílias locais. Daí a célebre frase, atribuída ao especialista em *Marketing* Frank Feather¹, da “globalização” - pensar globalmente, agir localmente, onde a comunicação desempenha um papel preponderante na medida em que facilita o entendimento entre quem tem o saber, quem quer investir e quem deve aplicar o quê e como.

Os actores locais devem ser incluídos no processo de desenvolvimento e é imperativo que os agentes imbricados falem a “mesma linguagem”, além de que se deve ter em conta os factores culturais, históricos e religiosos que devem ser acautelados no processo de desenvolvimento, sob pena de uma boa intenção suscitar mal-entendidos nos intervenientes no processo da sua implementação.

É nesse contexto que os diversos meios de comunicação social (audiovisual e escrita) têm um papel fundamental para tornar possível o tão almejado desenvolvimento rural. Segundo Mesquita (2009:46), a comunicação social assume um importante papel na construção do desenvolvimento local, à medida que contribui para levar para à comunidade, discussões que impulsionem esse processo de mudança.

Assim, as rádios comunitárias merecem especial atenção pelo facto de a informação difundida através delas ser abrangente uma vez que alcança os locais aonde nenhum outro meio de comunicação consegue chegar². Além disso, os ouvintes não precisam de ser alfabetizados para ouvir os programas transmitidos já que estes são feitos nas línguas que eles falam.

Uma rádio comunitária contribui sobremaneira para o desenvolvimento socioeconómico, promovendo a cultura de paz, a democracia, os direitos humanos, a equidade e o empoderamento da comunidade onde está inserida. No entanto, para actuar nessa perspectiva, a rádio comunitária não pode ser vista apenas numa concepção instrumental, como mera

¹<http://www.historiadaadministracao.com.br/jl/gurus/59-frank-feather> acessido no dia 12 de Maio de 2016.

²Cf. Dissertação de Mestrado de Anabela Alves, Lisboa: 2005

divulgadora de acções e publicidade governamental, mas como um meio que veicula informações para o bem e desenvolvimento da comunidade (CALLOU, 2005).

Sendo assim, a informação radiofónica torna-se acessível para todas as populações independentemente do seu grau de formação, permitindo que as comunidades geograficamente “isoladas” deixem de estar à margem dos avanços socioeconómicos e políticos. O acesso à informação é uma importante alavanca para a mudança de comportamentos, para a promoção social e para o melhoramento da qualidade de vida. E isso é possível se se transformara Rádio Comunitária (RC) em ferramenta de desenvolvimento rural a partir do momento em que os veículos de comunicação incorporem nos seus programas temas de interesse desse tipo de desenvolvimento” (TRAQUINA, 2004).

No mesmo diapasão, Mkaima (2011) afirma que as Rádios Comunitárias deviam exercer na sociedade um papel fomentador da informação, totalmente voltado para a população rural que nada tem para além do sinal das rádios em relação aos outros meios de comunicação social.

Para Sadique, (2003) a rádio comunitária não pode ser vista como uma outra rádio pública local, com o mandato de informar um determinado público, mas sim deve ser parte integrante da vida da comunidade, envolvida nos e com os problemas, os desafios e os êxitos da comunidade. A Rádio Comunitária deve ser usada como um instrumento de reflexão, análise, discussão e procura de soluções para as mais variadas situações decorrentes do processo de desenvolvimento local.

Assim, a presente dissertação traz uma discussão sobre o papel desempenhado pela Rádio Comunitária de Homóine (RCH), denominado Rádio ARCO, no processo de desenvolvimento nas comunidades de Homóine, Província de Inhambane. Ao longo do trabalho serão apresentados dados e narrativas sobre o papel que a Rádio Comunitária desempenha na vida das pessoas naquele local.

Em termos de organização, o trabalho começa, no Capítulo I, com esta introdução e apresenta ainda o problema de estudo, a justificativa, e termina com a definição dos objectivos da pesquisa.

O Capítulo II é o da revisão da literatura com enfoque para os documentos sobre a operacionalização de rádio, rádios comunitárias e desenvolvimento local bem como o historial do surgimento das rádios comunitárias no mundo e em Moçambique e da rádio

comunitária de Homoine em particular. O Capítulo III é referente à metodologia usada nesta investigação tanto na recolha como na análise de dados. Como é natural, aqui se inclui também a caracterização geral do distrito de Homoine desde a sua localização, passando pelos seus habitantes até as principais actividades socioeconómicas. O Capítulo IV apresenta os resultados e discussão de dados, resultantes da pesquisa. O quinto e último capítulo apresenta as considerações finais e as recomendações do estudo.

1.1. Problema e Justificativa de Estudo

O desenvolvimento rural tem sido muito lento em Moçambique, facto que constitui uma preocupação para os sociólogos, economistas, políticos e outros quadrantes da sociedade.³ Acredita-se que a falta de conhecimentos, associada ao não fluxo de informação da maior parte das comunidades rurais sobre adopção de novas tecnologias e aquisição de novo conhecimento podem ser as causas dessa lentidão (Freitas *et al.*, 1997; Rogers, 2003). Por isso, há uma necessidade urgente de encontrar soluções que ajudem a ultrapassar estes obstáculos de modo que o desenvolvimento rural seja acelerado.

Tomando em consideração que cerca de 80% da população moçambicana vive no meio rural (INE, 2007), o seu desenvolvimento passa necessariamente por melhorar as condições desse meio nas suas variadas vertentes. A comunicação social joga um papel de extrema importância nos processos que são desencadeados, com a finalidade de se atingir diferentes estágios de desenvolvimento.

De acordo com Tauk (1998), o desenvolvimento rural enfatiza o uso de metodologias participativas, devendo os seus agentes desempenhar um papel educativo, actuando como animadores e facilitadores de processos de desenvolvimento rural sustentável. Este autor afirma ainda que as acções tendentes ao desenvolvimento devem privilegiar o potencial endógeno das comunidades e territórios, resgatar e interagir com os conhecimentos dos agricultores familiares e demais comunidades que vivem e trabalham no campo em regime de economia familiar, e estimular o uso sustentável dos recursos locais.

³ “Os desafios que temos pela frente vão certamente implicar novas atitudes colectivas e individuais. Esses desafios implicam a coragem de operar mudanças. As mudanças que forem necessárias devem ser feitas democraticamente e dentro dos marcos institucionais e com a máxima responsabilidade. Assumo a chefia do Estado e do Governo herdando um País em franco crescimento socioeconómico resultante dos esforços dos Governos e Administrações anteriores.” Discurso do Presidente da República de Moçambique, Filipe Nyusi, aquando da tomada de posse a 15 de Janeiro de 2015.

O desenvolvimento rural envolve não só a componente agrícola, mas também a saúde, educação, direitos humanos, democracia entre outros. Por isso, a comunicação social é aqui chamada a dar o seu contributo através de transmissão de programas que envolvam estas áreas, pese embora o facto de os jornalistas possuírem uma “autonomia relativa” sobre a sua missão, pois fazem parte de uma estrutura social maior, que são os meios de comunicação que são conduzidos pelas suas próprias condições de funcionamento, hierarquias e interesses (TRAQUINA, 2004).

Entretanto, se a comunicação social ostenta o poder em gravar informações na mente dos seus “consumidores” e influencia na construção de opiniões, esta deve ostentar uma responsabilidade sobre os conteúdos veiculados e a forma de estes serem expressos de modo a contribuir para o desenvolvimento rural. (*Idem*)

Em Moçambique as comunidades, onde o acesso à informação é frequente, tendem a apresentar menores níveis de pobreza. Segundo Jane (2004), estudos foram feitos, que comprovam que quanto menor for o nível de informação de uma comunidade, menor é o seu nível de desenvolvimento. Todavia, é de referir que o sucesso da participação dos órgãos de comunicação social neste processo depende do sucesso da participação da comunidade visada. Infelizmente, nos tempos que correm, a participação da comunidade na vida da rádio é fraca, pois, além de pouco espaço onde as pessoas podem expressar as suas ideias, sua gestão comunitária é dificultada por problemas de sustentabilidade e de conhecimento (JANE, *idem*).

Embora existam comités de gestão, não há envolvimento da comunidade na programação da rádio. É notório nas rádios comunitárias, a fraca programação de assuntos ligados a agricultura, saúde, educação e outros afins que passam nos órgãos de comunicação social, a favor de programas de entretenimento à semelhança do que acontece com os órgãos públicos que, de alguma forma, são as principais fontes das notícias difundidas por aquelas rádios. Outro aspecto a salientar em relação às rádios comunitárias é que, apesar de a liberdade de imprensa e de expressão estarem plasmados na Constituição da República, há relatos de violação das mesmas, onde o poder político, tem protagonizado algumas interferências, havendo até casos de ordens de encerramento (ALVES, 2005).

Tendo em conta o contexto acima descrito, não se conhece que mecanismos de funcionamento são adoptados pelas Rádios Comunitárias para ao mesmo tempo responder a

sua agenda, sem descurar de várias outras agendas existentes, incluindo a agenda de desenvolvimento local.

Este estudo irá produzir informação que poderá ajudar a perceber melhor as Rádios Comunitárias e ajudar a desenhar políticas estratégicas visando o seu fortalecimento.

1.2. Objectivos

Geral

- Analisar o funcionamento e os desafios da Rádio Comunitária de Homóine no desenvolvimento local.

Específicos

- Descrever os hábitos de informação da população pesquisada no distrito de Homóine;
- Identificar a percepção que as comunidades de Homóine atribuem ao papel da rádio comunitária no processo de desenvolvimento local;
- Identificar os desafios da RCH na promoção do desenvolvimento local.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Principais Conceitos

Para uma melhor compreensão do presente trabalho e facilitação do diálogo com os leitores é fundamental a explicitação prévia de alguns conceitos-chave que, sendo susceptíveis de serem usados com outros sentidos em diferentes áreas de conhecimento, são passíveis de serem interpretados de forma não adequada ao espírito que norteia esta pesquisa. Trata-se dos seguintes conceitos: rádio, rádio comunitária, desenvolvimento e desenvolvimento rural.

a) Rádio

Rádio, segundo o dicionário da Porto Editora (1992:1387), “é um posto ou centro emissor sonoro a partir do qual se emitem diferentes programas comunicativos cuja recepção é feita através de aparelhos receptores de radiofonia”. Para Lopes (s/d), a rádio tem uma existência mais curta do que a imprensa, situando-se a sua origem dentro do séc. XX. Segundo Lopes, as primeiras experiências de transmissão da voz humana à distância foram realizadas por Marconi, ainda no final do século XIX.

Soares (2000) considera que a rádio foi o primeiro meio de comunicação de massa a surgir e que, com a chegada da televisão, muitos previram o seu abandono. Porém, nem por isso a rádio perdeu o seu lugar prestigiado na paisagem comunicacional contemporânea: a rádio é mais ouvida quantitativamente, por ser um instrumento portátil que as pessoas podem carregar para qualquer canto da casa, no carro, ou mesmo ouvir através da Internet. Para este autor, a rádio é fonte de informação e entretenimento para o ouvinte, sem que este tenha de disponibilizar o seu tempo exclusivamente para ela. Outra característica da rádio é a ampla possibilidade que ela tem para regionalizar e se tornar veículo local de comunicação.

Ainda de acordo com Soares (*ibid.*), esteticamente pode-se dizer que a comunicação radiofónica funciona através da combinação de vários recursos sógnicos (verbais, acústicos) através da intertextualidade provocada por outras formas de comunicação, como o “som teatralizado”. Oliveira (2000), caminhando na mesma lógica de Soares, afirma que o som da rádio é mais do que um som, é uma interação social, um sentido que atravessa o ar e se solidifica nas relações sociais, permite identificações, explica conflitos ou diálogos, oferece prazer, deleite e educação às pessoas.

Ainda falando da trajetória histórica da rádio, Soares (2000) sustenta que actualmente verifica-se que a rádio foi “expulsa” do seu lugar de honra da sala de jantar ou de estar, fruto da reconfiguração estética e de conteúdo a que esteve sujeito diante das mudanças tecnológicas e culturais, ao lado do surgimento de novas formas de comunicação de massa, como o cinema e a televisão. Contudo, conforme sustenta Castro (2000), essa actual reconfiguração não significou necessariamente o fim de sua potencialidade e características. Pelo contrário, isso obrigou-a a buscar e a diversificar as suas formas de programação e abrir novas possibilidades e modos de recepção, hoje pode-se afirmar que ela procura valer-se do facto de ser veículo descentralizado, ao contrário da televisão e incorporar à sua audiência um grande contingente de segmentos sociais com poucos recursos de consumo.

b) Rádio Comunitária

GdM (2000) define a rádio comunitária como sendo um serviço de rádio difusão sem fins lucrativos, gerido com a participação da comunidade; responde às necessidades da comunidade, serve e contribui para o seu desenvolvimento de uma maneira progressista, promovendo a mudança social, a democratização da comunicação através da participação da comunidade que varia de acordo com as condições sociais em que a estação opera⁴.

Portanto, Associação Mundial de Radiodifusores Comunitários (AMARC)⁵, considera rádio comunitária a rádio rural, a rádio cooperativa, a rádio participativa, a rádio livre, alternativa, popular ou educativa (...), que promovem a participação dos cidadãos e defendem os seus interesses e reflectem os gostos da maioria e produz bom humor e informa com verdade.

Para Sadique (2003), a rádio comunitária é um instrumento para os processos de desenvolvimento e, se calhar, deve ser a ferramenta mais poderosa presentemente usada pelas comunidades no país. Assim, a Rádio Comunitária não pode ser vista como uma outra rádio pública local, com o mandato de informar um determinado público. Esta deve ser parte integrante da vida da comunidade, envolvida nos e com os problemas, os desafios e os êxitos da comunidade. A Rádio Comunitária deve ser usada como um instrumento de reflexão, análise, discussão e procura de soluções para as mais variadas situações decorrentes do processo de desenvolvimento”.

⁴In: Projecto de Desenvolvimento dos Medias, 2011.

⁵A sede da AMARC é em Montreal, no Canadá, mas também existem representações em outras regiões do mundo: Em África, a coordenação da AMARC situa-se em Joanesburgo, na África do Sul. De realçar o papel da AMARC na divulgação dos princípios da comunicação comunitária.

2.2. Surgimento das Rádios Comunitárias

Segundo Girardi e Jacobus (2009:11) a invenção da rádio é atribuída ao físico italiano Guglielmo Marconi que em 1896, conseguiu realizar a primeira transmissão de ondas sem uso de fio a uma distância de aproximadamente três quilômetros, mas há controvérsias quanto ao assunto. Entre 1893 e 1894, o padre gaúcho Roberto de Moura, já havia realizado experiências do tipo.

Desde a sua origem, a rádio atravessou as fronteiras dos estados e assegurou a instantaneidade da repercussão à distância da voz e da recepção sonora dos acontecimentos. De acordo com Rodrigues (1990:175), “ela existe desde que Marconi conseguiu a primeira ligação entre a França e a Inglaterra cobrindo uma distância de 46Km. É um dos meios de comunicação de massas que é mais ou menos eficaz, porque se caracteriza por instantaneidade, multiplicidade e simultaneidade das mensagens veiculadas.”

Os primórdios das rádios comunitárias situam-se na América Latina. Em 1947, na Bolívia, grupos de mineiros criaram um meio de difusão de luta por melhores condições de vida, formas de protesto que, mais tarde, se alastraram aos camponeses colombianos. No entanto, estes projectos pretendiam assumir a luta social de um grupo profissional e não continham a dimensão integradora da comunidade, inerente ao conceito de rádio comunitária (ALVES, 2005).

Em África, as rádios comunitárias surgiram no âmbito da construção de um quadro social igualitário, após a queda do Apartheid, na África do Sul (Hohlfeldt, 2008). Em outros países do continente africano, os projectos advêm essencialmente da implementação do regime democrático e dos pressupostos da boa governação (Mário, 2010). A primeira rádio comunitária instalada em África foi em Homa Bay (Quênia), em 1982 que porém usou material barato e de pouca potência (Alumuku, 2005). Para Arnaldo, citado por Mkaima (2011), apesar do entusiasmo dos habitantes da região de Homa Bay por sua rádio e do interesse pelos assuntos comunitários que ela despertava, a emissora foi desmantelada ao fim de dois anos.

Esta rádio e outras surgidas em África naquela altura não conseguiram sobreviver porque debateram-se, de forma mais premente, com a falta de recursos financeiros para a manutenção dos projectos. A sua localização na zona rural, onde são muitas escassas as

fábricas e as empresas comerciais, possíveis patrocinadores e/ou clientes de publicidade, dificultam a sua sustentabilidade. Para ultrapassar a precariedade económica, o suporte financeiro de uma rádio sem fins lucrativos deve valorizar a diversidade de recolha de fundos, que inclui os donativos, ganhos, vendas de avisos e dedicatórias, organização de eventos e aluguer de espaço, entre outros (MKAIMA, 2011).

2.3. Funcionamento das Rádios Comunitárias

Segundo Mário (2008), é importante salientar que as rádios comunitárias são de forma esmagadora o principal meio de comunicação social acessível à população, através do qual ela recebe informação pública, adquire conhecimentos, comunica acontecimentos à família e à comunidade, expressa-se culturalmente e se entretém.

Segundo o mesmo autor, o que distingue as rádios comunitárias de outros órgãos de comunicação social são os seguintes aspectos: i) o uso de línguas locais nacionais (às vezes faladas por minorias “esquecidas”); ii) relativa acessibilidade económica e disponibilidade no mercado de aparelhos e pilhas que substituem a energia escassa (ou até mesmo inexistente nas zonas rurais recônditas); iii) mobilidade do aparelho receptor, iv) possibilidade de escuta colectiva através de um único aparelho; v) ultrapassa as barreiras impostas pelo analfabetismo (alcança pessoas que não sabem ler nem escrever); vi) maior acessibilidade (abrange comunidades “invisíveis” na estrada do desenvolvimento); vii) Mais adaptada a culturas dominadas pela oralidade.

De acordo com Peruzzo (2002), “as rádios comunitárias constituem instrumentos que contribuem para a coesão nacional e para o desenvolvimento, porque disseminam valores socioculturais das várias áreas do país, transmitem informação sobre a realidade local, difundem programas sobre educação e alfabetização de adultos, concebem e transmitem ensinamentos úteis sobre a produção e produtividade e transmitem elementos úteis sobre ciência e tecnologia”. Segundo o mesmo autor, é notória a participação das populações locais no processo democrático e na defesa dos seus direitos.

Segundo o mesmo autor a capacitação humana é assegurada através de uma participação da comunidade na elaboração na grelha de programas, que são emitidos para responder às necessidades identificadas pela comunidade. É através dos conteúdos vinculados por estes

meios de comunicação social que se operam mudanças de comportamento e atitudes, não só a nível individual, como também a nível do grupo das sociedades.

A rádio comunitária que faz *jus* a este nome é facilmente reconhecida pelo trabalho que desenvolve. Ou seja, transmite uma programação de interesse social vinculada à realidade local, não tem fins lucrativos, contribui para ampliar a cidadania, democratizar a informação, melhorar a educação informal e o nível cultural dos receptores sobre temas directamente relacionados às suas vidas (Mário, 2008; MKAIMA, 2011).

2.4. Importância das Rádios Comunitárias

O desenvolvimento do meio radiofónico, bem como dos demais, interligaram-se de formas complexas com os poderes económico, político e social, além de se constituírem em agentes facilitadores do processo da globalização, aproximando as partes mais distantes do globo, por meio de um intercâmbio mais tenso e complexo, que agiliza o volume e a velocidade das informações, recriando as relações em processos que vão desde a simples aproximação à interdependência funcional (TAVARES, 1999, p. 47-52).

Para Tavares (1999, p. 14),

“a comunicação de massa é dirigida para uma audiência relativamente grande, heterogénea e anónima. Pode ser caracterizada como pública, rápida e transitória. É pública porque, na medida em que as mensagens não são endereçadas a ninguém em particular, seu conteúdo está aberto ao critério público. É rápida porque as mensagens são elaboradas para atingir grandes audiências em tempo relativamente curto, ou mesmo simultaneamente. É transitória porque a intenção é de que sejam consumidas imediatamente não se destinando a registos permanentes”.

A emissora radiofónica comunitária permite ainda a participação activa e autónoma das pessoas residentes na localidade e de representantes de movimentos sociais e de outras formas de organização colectiva na programação, nos processos de criação, no planeamento e na gestão da emissora. Enfim, se baseia em princípios da comunicação libertadora que tem como norte a ampliação da cidadania. Ela carrega, aperfeiçoa e recria o conhecimento gerado pela comunicação popular, comunitária e alternativa no contexto dos movimentos sociais (COSTA, 2011).

De acordo com Herbert (1994, p. 22), uma das contribuições das rádios comunitárias nas comunidades é a construção da consciência cidadã e de uma cidadania activa. Este autor diz que há cidadania quando:

[...] o cidadão, indivíduo informado e consciente de seus direitos e deveres. Participa activamente de todas as questões da sociedade. Tudo o que acontece no mundo, seja no meu país, na minha cidade ou no meu bairro, acontece comigo. Então preciso participar das decisões que interferem na minha vida. Um cidadão, com um sentimento ético forte e com consciência de cidadania, não deixa passar nada, não abre mão desse poder de participação. A ideia de cidadania é ser alguém que propõe e pressiona o tempo todo. O cidadão precisa ter consciência do seu poder então, se há um problema na sua rua, você chama o seu vereador e, se eleger o perfeito, chama o perfeito.

Ainda argumenta Costa (2011) que a rádio promove a educação, veicula qualquer que seja o assunto que possa ser discutido pela comunidade, contribuindo deste modo para a melhoria do nível de vida dessa comunidade. Esta divulgação é feita não só pelas televisões e rádios tradicionais, como também por aquelas a que chamamos rádios comunitárias, que funcionam nas zonas rurais, permitindo maior participação da comunidade na vida do país, em particular da zona onde a rádio está inserida.

Nesta linha, Soares (2000) afirma que a rádio pode ser mediadora de assuntos relevantes para a comunidade, principalmente entre os sectores mais pobres da população, uma vez que estas não se dirigem para os jornais e televisões centralizados, pois estes estão preocupados com aspectos mercadológicos, como a sua receita publicitária.

Entretanto, o requisito não lucrativo, não significa que a estação de rádio não possa ser gerida com espírito empresarial, nem gerar um rendimento comercial (por exemplo, através de clientes publicitários). Isto também não significa que a estação de rádio não possa gerar excedentes financeiros para além das suas despesas básicas (ou seja: um excedente: rendimento em excesso numa organização não lucrativa não pode ser designado como “lucro” mas antes um “excedente”). Tal significa que qualquer excedente de rendimento gerado terá de ser reinvestido no projecto, ser gasto ou investido para o desenvolvimento da estação (FERRO, 2000).

De acordo com o mesmo autor, numa organização não lucrativa, não existem proprietários individuais nem accionistas. A comunidade é que, colectivamente é proprietária do projecto e que decide, na sua Assembleia Geral Anual, como gastar o excedente. Por isso, este nunca

deve ser distribuído aos membros voluntários ou do pessoal da estação como “gratificações”, nem de modo algum será considerado como “parte lucrativa” entregue a accionistas de negócios comerciais.

É necessária flexibilidade na classificação das rádios comunitárias, pois há casos em que mesmo faltando um ou outro desses aspectos em uma rádio esta consegue prestar bons serviços à comunidade onde se insere. Há rádios que facilitam mais o acesso na programação. Outras, embora sejam conduzidas por pessoas comprometidas com a melhoria da “comunidade”, não têm tradição de facilitar o envolvimento amplo de representantes das organizações locais na gestão (COSTA, 2011).

Existem também emissoras de carácter religioso ou ligadas a universidades que se revelam como comunitárias em seus princípios e nas práticas quotidianas. Todavia, há programas de conteúdo comunitário dentro de emissoras comerciais que se valem da participação autónoma de cidadãos e de organizações locais (PERUZZO, 2002).

2.5. Historial da Comunicação Social em Moçambique

Moçambique tem 25,727,911 milhões de habitantes⁶, ocupando um espaço territorial de aproximadamente 801.590 Km². É o país mais populoso das antigas colónias portuguesas em África, seguido por Angola, Guiné-Bissau, Cabo-Verde e São Tomé e Príncipe, nos segundo, terceiro, quarto e quinto lugares, respectivamente (INE, 2008). A agricultura é a base da economia onde mais de 70% da população vive em áreas rurais (MINAG, 2009).

A história da Comunicação Social em Moçambique está profundamente ligada à Imprensa colonial, que se regulava pelas leis da monarquia. Com a criação do Boletim Oficial em 1854⁷, dá-se o início à imprensa oficiosa ligada à autoridade política e administração colonial. Seguem-se novas fases com o aparecimento de jornais mais autónomos, como o jornal *O Africano* (1908-1920) e o *Brado Africano* (1918). Nessa época, o jornal que passou a ser um meio de comunicação de referência era impresso a partir de uma gráfica própria que publicava outros jornais, estimulando a iniciativa comercial. Os jornalistas publicavam crónicas e poesias anónimas com características românticas incitando a oposição à autoridade colonial, que ignorava por completo a população colonizada. A política colonial tinha o único

⁶INE (2008) Projecções estatístico para 2015.

⁷<http://www.unicentro.br/rbhm/ed05/artigos/03.pdf>

objectivo de perpetuar a manutenção das colónias e assim estabelecer todas as condições para o enriquecimento da metrópole.

Em 1975, “surge a Rádio Moçambique como resultado da nacionalização das estações existentes, nomeadamente, a Rádio Clube de Moçambique, a Voz de Moçambique, a Emissora do Áero Clube da Beira e a Rádio PAX. E mais tarde, surgiram outros meios de comunicação, entre eles, o Jornal Domingo, o Jornal Notícias, o Diário de Moçambique e a Televisão Experimental de Moçambique” (NAMBURETE, 2003:3-4).

O então Ministério de Informação⁸ com o apoio da UNICEF criou o Gabinete de Comunicação Social (GCS), actual Instituto de Comunicação Social (ICS), com a intenção de “instituir uma rede informativa para abranger as províncias, auxiliar a AIM e a Rádio Moçambique (RM) na produção de informação promotora do desenvolvimento nas zonas rurais” (UNICEF, 2005: 22). Continuamente, foram surgindo instituições que se adaptaram à realidade moçambicana, colmatando dificuldades inerentes ao próprio sistema.

No período posterior à independência de Moçambique, surgiram jornais de parede com vista a cobrir a informação comunitária em escolas, empresas e locais de residência. A maior parte desses jornais estava direccionada para a divulgação da ideologia do partido no poder. Entretanto, com a aprovação da Lei de Imprensa em Agosto de 1991, houve alteração nos meios de comunicação, dando espaço ao surgimento de novos media tais como, a *Mediacoop*, o *Mediafax*, o semanário *Savana* e, posteriormente, o *Demos*. A mudança de Constituição da República de Moçambique (CRM) em 1990 criou condições para o surgimento da Lei 18/91, de 10 de Agosto, dando espaço a importantes circunstâncias para a produção e publicação de informação.

A primeira transmissão radiofónica em Moçambique ocorreu no dia 18 de Março de 1933, tendo como pioneiro o Grémio de Radiófilos da Colónia de Moçambique, um clube privado de colonos portugueses baseados na cidade de Lourenço Marques (hoje cidade de Maputo). Nessa altura, havia apenas 1.400 aparelhos de rádio em Moçambique. A estação levou o nome de Rádio Clube de Moçambique. Duas outras estações privadas foram lançadas nos anos seguintes na Beira, a segunda maior cidade da colónia, incluindo a Rádio Pax, uma estação da Igreja Católica emitida em AM (ondas curtas). (MÁRIO, 2010)

⁸Funcionou de 1975 à 1994. Foi criado à luz dos Acordos de Lusaka assinados entre o governo português e a Frente de Libertação de Moçambique. A sua extinção, deu lugar ao surgimento do GABINFO em 1994.

Com a independência, o governo aboliu a radiodifusão privada e nacionalizou as três estações existentes, para constituir a nova Rádio Moçambique (RM), controlada pelo Estado. Oficialmente, a RM foi criada no dia 2 de Outubro de 1975, cerca de três meses após a independência proclamada a 25 de Junho. A sua rede nacional de emissores inclui presentemente 11 estações provinciais, bem como várias repetidoras em FM, que retransmitem a emissão nacional em Português. (*Idem*)

Após os Acordos de Paz de 1992, o ICS expandiu a sua rede nacional de “rádios comunitárias” para 24 estações em 2007, com apoio financeiro e técnico do UNICEF e o Fundo das Nações Unidas para a População (FNUAP).

Desde a independência em 1975 até 1990, a radiodifusão constituía um monopólio estatal. O governo, através do Ministério da Informação, geria os meios de difusão massiva e a política editorial era formulada pelo partido Frelimo através do seu Departamento do Trabalho Ideológico (DTIP).

A Constituição da República de Moçambique (CRM) de 1990 abriu o caminho para a adopção da Lei de Imprensa, em Agosto de 1991. Dois decretos relativos à radiodifusão foram subsequentemente adoptados, nomeadamente: o Decreto nº22/92 de 31 de Dezembro de 1992, que estabelece as condições legais e técnicas de acesso às frequências; e o Decreto nº9/93 de 22 de Junho de 1993, que estabelece os vários formatos de propriedade no domínio da radiodifusão. Para além de que introduziu, no seu Artigo 74, a Liberdade de Expressão, explicitando que a mesma compreende “a faculdade de divulgar o próprio pensamento por todos os meios legais”. Em segundo lugar, o mesmo Artigo consagrava a Liberdade de Imprensa, explicitando que a mesma compreendia “a liberdade de expressão e de criação dos jornalistas, o acesso às fontes de informação, a protecção da independência e do sigilo profissional e o direito de criar jornais e outras publicações” (MÁRIO, 2012 p.15-16).

No entanto, na prática, um número de obstáculos restringe essas liberdades e direitos, associado a factor como educação. Se este é o factor a considerar, os dados do INE (2007) mostram que mais de metade dos cidadãos não sabe ler nem escrever em qualquer idioma, cerca de 60% habitantes, destacando a população do meio rural e em particular as mulheres, onde mais de cerca de 62% das mulheres no meio rural não sabe ler nem escrever e somente 39,6% da população moçambicana sabe falar português (FREDERICO, 2012 p.66).

Segundo Mkaima (2011) a multiplicidade de línguas e a reduzida utilização das línguas locais para veicular informação de cidadania e de desenvolvimento são outros factores que reduzem o direito a informação e a liberdade de expressão. Poucos são órgãos de comunicação social que usam as línguas locais para veicular informação, sendo excepção as emissoras provinciais da Rádio Moçambique (pública) e as Rádios Comunitárias. A Televisão de Moçambique, TVM ainda tenta ensaiar os primeiros passos rumo à utilização das línguas locais nas suas emissões.

Oito estações de televisão oferecem serviço em sinal aberto incluindo estações estrangeiras, nomeadamente a TVM que é o canal de televisão público; a TV Miramar que pertence a Igreja Universal do Reino de Deus; a STV, canal de televisão do grupo SOICO; RTP-ÁFRICA, canal português para África; a Televisão Independente de Moçambique (TIM); a Gungu TV; a KTV; a Eco TV que é a mais recente televisão privada.

De acordo com o Gabinete de Informação (GABINFO, 2010), existem actualmente registados 119 jornais e revistas em Moçambique. Contudo, apenas 27 estão efectivamente activos, incluindo algumas publicações por fax ou via electrónica (independentes, os chamados – o *Mediafax*, o *Metical*). “Estes últimos são pequenos diários e surgiram na era do pluralismo político em vigor desde 1990 que se traduz também em pluralismo informativo desde 1992”⁹. Portanto, a língua portuguesa é a única língua usada em quase toda a imprensa escrita em Moçambique que, no entanto, como referido acima, apesar de ser a língua oficial do país, não é entendida pela maioria das pessoas.

Segundo o relatório de ICS (2014)¹⁰, o sistema de radiodifusão cobre até aproximadamente 70 por cento da população em todo o país. Sendo a estação pública, a Rádio Moçambique aquela que tem a maior cobertura no país, com 80% de cobertura durante o dia e 100% no período durante a noite.¹¹ Segundo Queiroz *et al.*, (2014) a radiodifusão comunitária é um sector em crescimento, composto de um total de 75 rádios espalhadas em todo o país.

⁹AfriMAP, Projecto de Monitoria e Governação em África, é uma iniciativa da rede das quatro fundações Africanas da Soros, e trabalha com organizações nacionais da sociedade civil para conduzir auditorias sistemáticas do desempenho do governo em três áreas: o sector da justiça e do estado de direito, participação política e democracia; e provisão efectiva de serviços públicos. www.afriMAP.org Note-se que nos seus livros de registo, o GABINFO não faz qualquer distinção entre publicações internas institucionais e corporativas (do governo e entidades privadas) e órgãos de imprensa propriamente ditos.

¹¹ Fonte: Rádio Moçambique

De acordo com ICS (2014) cerca de 70% da população moçambicana que vive nas zonas rurais, menos da metade das famílias possui receptores de rádio, o que significa que o acesso à informação pluralista é muito limitado para a grande maioria dos cidadãos.

2.6. Historial das Rádios Comunitárias em Moçambique

De acordo com Queiroz *et al.*, (2014); Mário *et al.*, (2010) em Moçambique, a maior parte das Rádios Comunitárias em actividade começaram em 1995 com ajuda do Instituto de Comunicação Social (ICS) em parceria com a UNESCO e a Igreja Católica, que presta assistência a várias comunidades na criação das suas próprias estações. De forma crescente, estações independentes, baseadas em associações cívicas, começam a surgir.

De acordo com Alves (2005) o projecto de criação do Gabinete de Comunicação Social culminou com a criação de centros de comunicação social nos bairros e nas aldeias comunais, implementadas sob orientação do Ministério da Agricultura. Para o mesmo autor o movimento das aldeias comunais caracterizava-se por dois grandes traços: o movimento contínuo, considerado a principal estratégia de desenvolvimento rural, no qual foram mobilizados todos os camponeses para iniciarem o processo de produção colectiva; o movimento improvisado, ao longo de 10 anos, como resposta às contingências adversas, às catástrofes naturais, aos interesses políticos locais, às contrariedades da base económica socialista.

Após a independência, Moçambique tinha um sistema de informação concentrado nas duas principais cidades, através do jornal “Notícias”, da revista “Tempo” e da Rádio Moçambique, em Maputo, e do jornal “Diário de Moçambique”, na Beira. Os centros de comunicação social eram rádios com sistemas de altifalantes. Ao nível do equipamento técnico eram utilizados um amplificador de 120 watts, um gerador de luz eléctrica, um receptor, um giradiscos, um gravador e leitor de cassetes e dois microfones. Numa torre de quinze metros eram colocados os altifalantes (Namburete, 2003: 3-4).

Portanto, após a independência, com a Criação do Gabinete de Comunicação Social (GCS), actual Instituto de Comunicação Social surgiram várias iniciativas de rádios comunitárias financiadas pela UNICEF, OMS e UNESCO, com a intenção de instituir uma rede informativa para abranger as províncias, auxiliar a Agência de Informação de Moçambique (AIM) e RM na produção de informação promotora do desenvolvimento na zona rural (UNICEF, 2007: 22).

Os moçambicanos têm o direito à informação garantidos no artigo 48 da Constituição da República aprovada em Novembro de 1990 e à liberdade de expressão na Lei de Imprensa 1991. Além de receber informação, cada indivíduo pode comunicar, pesquisar, produzir e distribuir informações através dos meios de comunicação abordando assuntos que domina. É legítimo o morador da aldeia, da povoação, da vila, falar sobre o que é viver naquele local, quais os problemas, quais as necessidades em relação aos de fora.

De acordo com o Estudo do Panorama do Pluralismo dos Media encomendado pelo Projecto de Desenvolvimento dos Media, Sadique (2003), no país havia, em 1999, um total de 91 iniciativas de meios de comunicação social, dentre os quais 20 eram estações de rádio com orientação comunitária e poucas rádios comerciais e estações de televisão. No entanto, o estudo concluiu que os órgãos de comunicação social “são fundamentais para o desenvolvimento das comunidades locais, por criar mecanismos de interactividade entre ouvintes, a rádio, os promotores do desenvolvimento (associações, ONG, instituições públicas e privadas) e os líderes comunitários”.

Nessa altura, a propriedade das rádios com orientação comunitária pertencia a duas instituições: o Instituto de Comunicação Social, um órgão estatal para o desenvolvimento e a Igreja Católica. A partir de 1999, o então Instituto de Desenvolvimento Rural (INDER), uma entidade pública com autonomia administrativa e financeira, mas estritamente ligada ao Ministério da Agricultura, envolveu-se na área de radiodifusão comunitária, coma instalação de dezenas de Rádios e Televisões Rurais, no âmbito de um projecto denominado “RRTV”.

Com a extinção do INDER em 2000, o ICS herdou tais rádios e televisões, aumentando o número de rádios comunitárias e de estações de televisão sob seus auspícios para um total de 17 estações.

O Projecto de Desenvolvimento dos Media da UNESCO/PNUD, apoiou à criação de novas rádios comunitárias no país, o qual culminou com o estabelecimento de um total de oito estações de rádios comunitárias em seis províncias do país, nomeadamente, Inhambane, Maputo, Sofala, Manica, Niassa e Zambézia. Com este esforço adicional neste sector estratégico de comunicação social, o panorama das rádios comunitárias em Moçambique aumentou para um total de 37 rádios instaladas e em funcionamento em 2003 (UNESCO, 2005). Segundo Mkaima (2011) actualmente o número dos estações aumentou

significativamente, cerca de 110 emissoras de rádio oficialmente registadas no Centro de Apoio à Informação e Comunicação Comunitária (CAICC)¹² (Tabela em Anexo).

A UNESCO assinou um acordo com o Governo em 1997 para instalação e a manutenção das RC em Moçambique para a promoção de boa governação e o fortalecimento da democracia através dos órgãos de comunicação social. A IBIS (ONG dinamarquesa) contribuiu também para o estabelecimento de várias rádios e trabalha sobretudo na área da educação para o desenvolvimento, concretizando projectos em Moçambique desde a independência (ALVES, 2005).

A língua é o código usado na recepção e no envio de mensagens. As rádios transmitem normalmente numa ou mais línguas locais, visto que nem toda a população fala português e as línguas locais são meios de fazer chegar as mensagens, mantendo melhor contacto com o povo.

Segundo Paula (2011) as Rádios Comunitárias em Moçambique têm propostas editoriais diversificadas:

- Algumas optam pela informação (mensagens de nascimento ou falecimento, de organização de cerimónias tradicionais ou religiosas, para solicitar a vinda de um parente, para anunciar viagens ou para convocar reuniões);
- Outras preferem a cultura (contam-se histórias de vida, recordações da juventude, anedotas, pedem-se conselhos, resolvem-se contendas);
- Poucas afirmam-se pela diferença apostando firmemente na formação (sensibilização sobre temas fundamentais relativos à cidadania, ao desenvolvimento sustentável, aos direitos humanos, à mortalidade infantil, ao ambiente, à saúde e aos direitos das mulheres).
- A maioria vive da recreação: programas de música (discos pedidos e dedicatórias), de entrevistas com novos artistas, de promoção de cantores locais, desportivos e teatro radiofónico.

2.7. Programação de uma rádio comunitária

O conteúdo que é levado para o ar por uma rádio comunitária é bem diferente do que é adoptado por uma emissora comercial, e ainda mais do que a da *media* corporativa. Enquanto

¹² Relatório de CAICC, Acedido: http://www.caicc.org.mz/images/documentos/Contactos_09_06_2015.pdf

a programação dos *mídia* tradicionais capitalistas tem o objectivo de massificar a sua programação, a fim de tentar atingir todos os públicos para a maior obtenção de dividendos financeiros, a de uma rádio comunitária é particularizada, direccionada e objectiva, buscando atingir um público específico.

Uma peculiaridade que se nota é a aplicabilidade da informação. Enquanto nos *mídia* tradicionais as informações são transmitidas de forma ampla e superficial, nas emissoras comunitárias elas são “interpretadas” para o ouvinte da comunidade local, de forma que ele (o ouvinte) não apenas entenda a informação que está sendo transmitida, mas também perceba a relevância que o facto tem para o seu dia-a-dia. O diagrama abaixo tenta sintetizar estas diferenças, embora não seja uma aferência de princípios absolutos e universais.

Tabela 1: Características que distinguem media tradicional do comunitário

CONTEÚDO DA PROGRAMAÇÃO	
Medias Tradicionais	Rádios Comunitárias
Conteúdo massificado	Conteúdo direccionado
Predomina jornalismo informativo	Predomina jornalismo interpretativo
Comunicadores com formação académica, mas que se comunicam de forma pré-programada, formal, mas sem afectação	Comunicadores sem formação académica, mas se comunicam de forma espontânea, coloquial, mas com afectação
Informação em escala nacional e mundial	Informação em escala local
Predomina a cultura de massa	Predomina a cultura local
Transforma conhecimento em informação	Transforma informação em conhecimento
Notícias da macroeconomia	Notícias da microeconomia
A informação chega “de cima para baixo” e é vertical (das instituições ao povo)	A informação chega “de baixo para cima” e é horizontal (do povo às instituições)
Propaganda e publicidade mercadológicas	Propaganda e publicidade institucionais
Presença de jornalismo opinativo	Ausência de jornalismo opinativo
Notícias negativas dos movimentos sociais	Notícias positivas dos movimentos sociais
Ausência de conteúdo religioso (excepto os horários pagos)	Presença de conteúdo religioso

Fonte: Jane (2006)

A tabela acima compara as principais características dos meios de comunicação social tradicionais e as rádios comunitárias onde se pode observar que, diferentes daqueles, as rádios comunitárias são efectivamente meios de comunicação do para o povo e pelo povo.

2.8. Impacto das Rádios Comunitárias nas comunidades

Um estudo realizado em Moçambique pela UNESCO (2001) evidenciou os impactos positivos das rádios comunitárias implantadas nalguns distritos da Província da Zambézia,

tendo destacado que “houve mudanças no seio da comunidade em relação à atitude e comportamento face aos perigos das doenças de transmissão sexual e HIV/SIDA, planeamento familiar, programas de vacinação, sementeiras, cheias, secas, o papel da mulher na sociedade, a educação da rapariga, introdução de novas técnicas de produção agrícola”.

O impacto das rádios comunitárias pode ser visto nas seguintes vertentes:

- Facilita a comunicação sobre notícias locais e nacionais;
- Mantém em contacto com amigos e familiares;
- Informa a comunidade sobre acontecimentos a nível local;
- Divulga acontecimentos comunitários;
- Oferece programas para todos os grupos da comunidade, e assim une a comunidade;
- Divulga as dificuldades da comunidade e ajuda na procura das soluções;
- Promove a cultura local;
- Promove a participação comunitária;
- Dota as pessoas com mais conhecimentos, o que ajuda no desenvolvimento das pessoas;
- Desenvolve as vidas das mulheres, dando a elas mais voz a nível da sociedade;
- Ajuda as mulheres a serem menos submissas e passivas;
- Educa os jovens;
- Difunde assuntos de interesse da comunidade; e
- A comunidade pode aproximar-se à rádio e apresentar problemas, e juntos vão procurar solucioná-los.

2.9. Sustentabilidade das Rádios Comunitárias

A sustentabilidade das rádios comunitárias passa pela alteração da Lei de Imprensa n°18/91, de 10 de Agosto, criando um estatuto beneficiado para estas rádios, pela isenção de taxas alfandegárias, pela criação de uma taxa mais reduzida do preço da electricidade e por benefícios fiscais.

Com a excepção da Rádio Moçambique, emissora pública nacional, a sustentabilidade das rádios, em particular das comunitárias, é questionável. Considerando que a maioria das rádios encontra-se localizada em áreas rurais extremamente pobres, as oportunidades de desenvolvimento de estratégias viáveis de sustentabilidade financeira a longo termo é inexistente.

Podemos dizer que as rádios pertencentes ao Instituto de Comunicação Social poderão, entretanto, sobreviver com o apoio do próprio ICS, que também tem a sua fonte de recursos no Orçamento Geral do Estado, OGE. Em Moçambique a maior parte das rádios comunitárias recebe apoio de doadores/ONG's.

A viabilidade financeira tem relação directa com a necessidade de se partir do princípio de que uma das medidas mais efectivas de sustentabilidade financeira é limitar os custos, potenciar as receitas sem correr o risco de transformar a rádio numa estação comercial e, por fim, procurar fontes alternativas de financiamento.

Segundo Sadique (2003) quatro factores principais para a sustentabilidade das Rádios Comunitárias podem ser referidos, resultantes de estudos já feitos:

- Sentido de propriedade comunitária das rádios;
- Capacitação adequada e continuada do pessoal;
- Configuração e manutenção técnica adequada e sustentável;
- Sustentabilidade financeira.

2.10. Desafios das Rádios Comunitárias

O Relatório de Balanço do Fórum Nacional das Rádios Comunitárias (FORCOM) afirma que, quando se fala das rádios comunitárias no país, um dos principais constrangimentos no seu funcionamento tem a ver a sua sustentabilidade, uma vez que não tem um carácter lucrativo, o que, à partida, constitui um desafio. Por um lado, o relatório destaca também a falta de equipamentos, recursos humanos, meios circulantes, entre outros elementos imprescindíveis ao seu funcionamento.

Segundo a UNICEF (2005), o desafio dos órgãos de comunicação social, particularmente das Rádios Comunitárias, é ainda mais importante devido ao facto de a maior parte da população moçambicana não saber ler nem escrever e os meios de comunicação tradicionais, como o caso da RM e TVM, não cobrirem todo o território nacional. Neste contexto, surge a importância do envolvimento das Rádios Comunitárias em processos educativos ou campanhas, porque estas rádios permitem uma interacção directa entre o povo e o sistema governamental. Pela abordagem e discussão dos mais variados assuntos relacionados com a implementação e prática da democracia nas comunidades, as rádios assumem um

protagonismo de relevo no desenvolvimento das comunidades em que estão integradas (SADIQUE, 2003:14).

É importante que os ouvintes saibam das inovações que vão acontecendo nos vários campos de actividade, de modo a que se possa disseminar e permitir que as zonas rurais se desenvolvam ainda mais. De acordo com Rogers (2003), existem três tipos de conhecimento sobre inovação. O primeiro tipo é a conscientização do conhecimento, que é a informação de que existe uma inovação. O segundo tipo é o conhecimento do funcionamento, que consiste nas informações necessárias para se usar a inovação de maneira correcta. O terceiro tipo é o conhecimento dos princípios, que são as informações necessárias para se entender os princípios de funcionamento de uma inovação.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa compreendeu três etapas. A primeira etapa foi direccionada a obtenção de dados secundários através de pesquisa bibliográfica. Os dados secundários compreenderam a informação sobre dados macro-sociais, demográficos e socioeconómicos da região.

A segunda etapa caracterizou-se pela colecta de dados primários, de campo, através de inquérito e entrevistas semi-estruturadas à população de interesse (variáveis quantitativas e qualitativas), e a última etapa foi caracterizada pela compilação, análise e apresentação dos resultados e conclusões do estudo.

Para a definição de estratégia de recolha de dados, tomou-se como base, os dados secundários sobre a área de estudo com vista a determinar o tipo de pesquisa a ser efectuada e a amostra a ser usada na recolha de informação necessária.

Os dados recolhidos, foram processados e analisados em pacote estatístico, o SPSS.

Na presente investigação foram seguidos procedimentos metodológicos, definidos por secções. A primeira secção foi a de caracterização da área de estudo, que cingiu-se na localização geográfica e a descrição do perfil do distrito de Homóine. Na segunda secção delineou-se o tipo de pesquisa, culminando com a definição de técnicas de recolha de dados secundários e primários (definição de amostra, tipo de amostragem) e por fim, a análise dos dados.

3.1. Caracterização da Área de Estudo

3.1.1. Localização geográfica e população de distrito de Homóine

Com uma superfície de 1.918 Km² (MAE, 2005), o Distrito de Homóine encontra-se localizado a Oeste da província de Inhambane, a cerca de 87km da capital provincial, tendo como limites o distrito de Funhalouro a Norte, o distrito de Jangamo a Sul, a cidade da Maxixe a Este, o distrito de Panda a Oeste e o distrito de Morrumbene a Nordeste.

Portanto, no Distrito, quase metade da população alfabetizada (47%) é predominantemente do sexo masculino. O distrito de Homoine tem uma taxa de escolarização acima de 50%, constatando-se que 53% dos seus habitantes, principalmente os residentes no posto administrativo sede, frequentam ou já frequentaram a escola, ainda que maioritariamente somente até ao nível primário. A taxa de analfabetismo na população feminina é de 62%, sendo de 41% do sexo masculino. Das mulheres do distrito com mais de 5 anos, 56% nunca frequentaram a escola e somente 1% concluíram o ensino primário (Governo Distrital, 2015).

A agricultura é a actividade dominante e envolve quase todos os agregados familiares. De um modo geral, a agricultura é praticada em sequeiro e manualmente em pequenas explorações familiares em regime de consociação de culturas com base em variedades locais, nomeadamente o milho, a mandioca, o feijão-nhema, o amendoim, a batata-doce, o arroz, a mapira e o feijão-manteiga (INE, 2011)¹³.

A irregularidade de precipitação, a grande vulnerabilidade as calamidades naturais condiciona o potencial de produção agrícola às áreas irrigadas existentes, de pequena dimensão, já que a região é considerada marginalmente apta para o desenvolvimento de agricultura irrigada (Governo Distrital, 2015).

O fomento pecuário tem sido fraco. Nas áreas de exploração pecuária do distrito, encontram-se as seguintes potencialidades: Bovino, Caprino, Ovino e Asinino e a fauna bravia do distrito de Homoine é pouco diversificada (INE, 2011).

A rede de transporte no distrito, é composta por transportadores semi-colectivos privados licenciados. Estes asseguram a ligação entre as zonas periféricas e a sede distrital, bem como o transporte de carga e bens diversos, incluindo o escoamento da produção agrícola (Governo Distrital, 2015)

Ainda possui ligação com outros pontos do país e do mundo a partir das redes de telefonia fixa das TDM e móvel da *Mcel*, *Vodacom* e *Movitel* com fraca cobertura (num raio que vai até 12km). Porém, a capacidade instalada ainda não satisfaz as solicitações do público e de instituições públicas e privadas. Por sua vez, também a rede de telefonia móvel é igualmente deficiente, uma vez que algumas localidades do interior não são abrangidas pela cobertura móvel (*Idem*)

¹³ www.ine.gov.mz

A partir do distrito, capta-se o sinal televisivo da TVM e STV e sintoniza-se as rádios Moçambique, Progresso da Maxixe e comunitária local (Rádio ARCO) num raio de 12 a 15km dependendo do período do dia, assim como através de *Internet móvel (Idem)*.

3.2. Procedimentos metodológicos

3.2.1. Tipo de pesquisa

A presente pesquisa vincula-se na análise do funcionamento e desafios das RC no desenvolvimento rural. Para o efeito, realizou-se um estudo de caso no distrito de Homói, de carácter descritivo numa abordagem quantitativa, o que permitiu a realização de descrições precisas da situação e análise do funcionamento e desafios da rádio local.

Para Gil (1999), estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objectos, de maneira a permitir conhecimentos amplos e detalhados do mesmo, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados.

Segundo, Bandeira (s/d) *apud* Brito (2014), este tipo de pesquisa permite uso de várias técnicas e fontes de informação como entrevistas e observações ao longo de tempo e permite ilustração mais completa possível de uma dada situação, proporcionando uma imagem precisa dos fenómenos actuais e constitui para compreensão das suas causas.

Portanto, os dados quantitativos compreendem o uso de medidas uniformizadas que ajustam opiniões diversas e experiências em categorias de respostas pré-determinadas. Estes dados são vantajosos porque medem as reacções das pessoas para um jogo limitado de perguntas e facilitam a comparação e a agregação estatística dos dados (MATAKALA, 2001).

As variáveis qualitativas fornecem a profundidade e detalhe através de cotação directa e descrição cuidadosa de situações do programa, eventos, pessoas, interacções e comportamento observados (*Idem*).

3.2.2. Tamanho da amostra

Para o presente estudo, a amostra¹⁴ foi definida com base no número total de agregados familiares das localidades de amostragem e a partir da fórmula sugerida pelo Levine *et al.*,

¹⁴A amostra é uma parte de elementos seleccionada de uma população estatística (Levine *et al.*, 2008).

(2000) (1), com um erro amostral de 5%, foi definido o tamanho da amostra, correspondente a 385 respondentes. A tabela abaixo mostra o número de AF's por localidades.

Tabela 3: Localidades e número de AF's

Postos Administrativos	Localidades	Famílias
Sede	Manhica	20898
	Chujinguir	343991
	Chizapela	2338
	Inhamussua	13563
	Golo	3957
	Mubecua	12787
Pembe	Nhaulane	1700
	Pembe	2456
	Total	401690

Fonte: INE (2007)

Após determinar o tamanho da amostra, a selecção dos inqueridos consistiu em identificar os AF's com receptor de rádio e; disponibilidade de fazer parte da pesquisa, tendo-se usado o tipo de amostra não aleatória "snowbal". Portanto, para este tipo de amostra, escolheu-se um grupo inicial de agregados e pedia-se que se indicasse o agregado pertencente a mesma população, neste caso, que possuísse um receptor. Assim, a amostra foi crescendo como uma bola de neve à medida que fossem indicados novos agregados ao inquiridor.

Para além dos inqueridos, foram também entrevistados 4 gestores de escolas, 4 líderes comunitários, 8 vendedores dos mercados e 10 funcionários e colaboradores da rádio comunitária de Homoíne.

Para a selecção dos gestores das escolas combinou-se dois factores: os níveis leccionados e as escolas que têm usado frequentemente a rádio para divulgação de informação no distrito, (informação obtida na rádio comunitária). Assim, foram seleccionadas as seguintes Escolas: Escola Secundária "25 de Setembro" de Homoíne; Instituto de Formação de Professores de Homoíne; Escola Secundária de Golo e Escola Primária Completa de Homoíne-Sede.

Foram seleccionados por conveniência, o chefe do Posto e um Líder Comunitário de Manhica-Sede e nas localidades de Chizapela e Golo foram representados pelos seus respectivos Líderes.

Portanto, de forma intencional foram seleccionados os grandes mercados do distrito, Mercado Central e o Mbojuene e através de gestores dos mercados foi indicado o comerciante mais

antigo a exercer a actividade e este por sua vez também indicou o outro. Para além de usar o factor tempo a exercer a actividade, associou-se também o volume de vendas, dado que os que usam mais a rádio são classificados como médio e grandes comerciantes, analisado o volume de mercadoria.

A rádio comunitária de Homóine conta com um total de 19 colaboradores, dos quais 14 voluntários e 5 membros efectivos. Assim, foram entrevistados 2 membros efectivos, o tempo de permanência na rádio foi um factor importante para identificação dos dois entrevistados (exerciam cargos de chefia) e foram seleccionados para entrevista 8 voluntários, tendo-se baseado nos anos de colaboração na rádio local, de 2 a 4 anos.

$$n = \frac{N}{1+N(\varepsilon^2)}$$

Onde:

n= Tamanho da amostra

N= População

ε = Erro aceitável

3.2.3. Amostragem

Segundo Gil (2010, p.109), a escolha de técnica de amostragem¹⁵ é uma etapa importante do método científico de pesquisa, ou seja, quando a amostra é rigorosamente seleccionada, os resultados obtidos no levantamento tendem a aproximar-se dos que seriam obtidos caso fosse possível pesquisar todos os elementos de universo.

O objecto de estudo foi constituído por Agregados Familiares (AF's) onde foram inqueridos 385 correspondente as 3 localidades (Manhica, Chizapela e Golo) e entrevistadas 10 informantes-chave, constituídos pelos gestores de escolas, vendedores de grandes mercados e colaboradores da rádio local. As localidades foram seleccionadas aleatoriamente das 6 localidades abrangidas pelo raio de emissão, de cerca de 70 km, excepto as localidades de Nhaulane e Pembe.

Foram também seleccionadas Escolas e Mercados de forma intencional, tomando como base o uso frequente da rádio para divulgação de informação, relacionando também com a categoria (nível leccionado) e para a identificação dos inqueridos nos mercados usou-se

¹⁵Amostragem e o processo de determinação de uma amostra a ser pesquisada (Levine *et al.*, 2008).

factor tempo de exercício desta actividade e através de amostra “*snowbal*”, associado com factor volume de mercadorias foi se identificando outros inquiridos.

Portanto, de acordo com o carácter da pesquisa, foi usada a técnica de amostragem probabilística (aleatória) simples, onde as localidades foram seleccionadas através de sorteio não tendencioso, eliminando-se deste modo a influência do pesquisador na obtenção de amostra e garantiu-se que todas as localidades dentro de raio de cobertura tivessem a probabilidade de pertencer a amostra.

3.2.4. Técnicas de recolha de dados

Para o presente estudo foram usadas as técnicas de recolha de dados que incluíram o inquérito, as entrevistas semi-estruturadas e observação. Estes foram recolhidos como declarações abertas (as experiências de pessoas, respostas) em categorias uniformizadas pré-determinadas, tais como escolha de respostas dadas em questionário, dados obtidos com base em observação directa, inquéritos aos agregados familiares e entrevista a algumas Escolas e Mercados na área de cobertura da RCH.

a) Entrevistas e Inquérito

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, tendo-se baseado em perguntas abertas e fechadas, dirigida aos informantes-chave, constituído por gestor das escolas, líderes comunitários, principais vendedores dos mercados e funcionários e colaboradores da rádio local. A escolha desta técnica foi feita em função dos objectivos, mas também do número de pessoas a estudar (tamanho de amostra menor). Portanto, tratando-se de entrevista semi-estruturada, foram formuladas perguntas de roteiro (guião em anexo X) e as respostas anotadas e gravadas com auxílio de gravador.

As respostas gravadas na língua local, *Xitsua*, foram posteriormente transcritas por forma a uniformizar com as respostas dadas em português.

O inquérito foi aplicado aos AF's, tendo-se constituído por um conjunto de perguntas simples e objectivas.

O conjunto de perguntas no formato misto, facilitou a obtenção de informação para o estudo, permitindo deste modo medir as opiniões e ou percepção dos inquiridos e entrevistados.

Segundo Alves (2006) as perguntas abertas têm a vantagem de permitir obter mais informação e, muitas vezes, informação mais rica e detalhada ou até inesperada. Contudo, muitas vezes, essas respostas necessitam de ser interpretadas e também são consideradas difíceis de analisar estatisticamente. As perguntas fechadas têm a vantagem de ser fácil aplicar análises estatísticas das respostas, sendo muitas vezes possível analisar os dados de maneira sofisticada.

Portanto, foram elaborados dois questionários, um para informantes-chave, constituído por várias secções, em destaque o historial do surgimento e funcionamento da rádio; Principais conteúdos e os programas mais escutados; Contributo da rádio para o desenvolvimento do distrito; Participação das comunidades na programação; Sustentabilidade da rádio e; Principais desafios da rádio para com as comunidades.

As secções do questionário dos AF's cingiam-se em analisar o seguinte: Hábitos de consumo da mídia; Linha editorial da RCH (programas de interesse da comunidade local); Trabalho dos colaboradores; Participação comunitária na programação; Percepção sobre o papel da RCH para o desenvolvimento local e Principais desafios para melhor desempenho da rádio.

Antes da sua aplicação, o instrumento foi testado (*teste piloto*) em número limitado de inqueridos e entrevistados para verificar a consistência ou não das questões. Assim, foram entrevistados 2 colaboradores estagiários da rádio e inqueridos 4 agregados familiares. Portanto, o pré-teste deu lugar a observação crítica, das questões o que permitiu avaliar a relevância e consistência do instrumento. Após o pré-teste alguns ajustes foram efectuados, no caso da pergunta sobre género e a média radiofónico, antes mal formulada, pois, era analisada em função do sexo; houve necessidade de inclusão da análise da frequência semanal de escutar a rádio, com vista a explorar a dimensão humana e incentivos da RCH, para além da revisão de alguns termos aplicados.

Quanto a implementação do instrumento, no que tange ao preenchimento do inquérito, contou-se com o apoio de três colaboradores estagiário da RCH e três (3) guias locais para acompanhamento, uma vez tratar-se de zonas rurais distantes da sede do distrito. Para o levantamento de dados através do inquérito foram usadas duas línguas, português e língua local (comumente falada, a língua *Xitshwa*). No entanto, para melhor comunicação, todos os inquiridores falavam a língua local, menos a investigadora que precisou de um tradutor.

Isso facilitou a comunicação nas comunidades visitadas, dado que a maioria da população local só fala a língua materna.

O preenchimento de cada questionário durava cerca de 20 a 25 minutos e, a meta diária era de 10 inquéritos, tendo sido realizado em 10 dias. Portanto, era entrevistado chefe do agregado familiar ou membro indicado pelo chefe do agregado, na sua indisponibilidade e/ou ausência. Antes da saída para campo, as estruturas locais foram informadas sobre a chegada de uma equipe com o propósito de levantamento de dados, o que permitiu que os membros responsáveis estivessem nas suas casas no dia marcado para o inquérito.

b) Observação directa

A técnica de observação directa permitiu fazer o uso dos sentidos para apreensão de determinados aspectos da realidade dado as respostas sobre impacto da RC, tendo consistido em ver, ouvir os factos, os fenómenos daí decorrentes e recolher dados quantificáveis e ou qualificáveis das famílias que consideram a rádio como meio importante de difusão de informação.

Portanto, a observação directa e as entrevistas semi-estruturadas permitiram também obter informação sobre o impacto da RCH, o nível de percepção das famílias em relação a importância deste meio para o desenvolvimento das comunidades. Os dados obtidos, serviram de objecto de análise quantitativa e qualitativa e visaram também aprender sobre os valores, opiniões, objectivos e conhecimentos do grupo alvo.

3.2.4. Principais parâmetros em análise

Para analisar o contributo da Rádio Comunitária de Homóine (RCH) para o desenvolvimento local, foram descritas certas variáveis em cada objectivo específico, a saber:

Na descrição de hábitos da informação da população pesquisada no distrito de Homóine, foram analisados a frequência com que os membros das comunidades escutam a rádio, questões relacionadas com o género, a emissora mais escutada e o tempo semanal para escutar a rádio bem como as linhas editoriais, línguas mais utilizadas na rádio e preferidas pelas comunidades locais;

Para identificar a percepção que as comunidades de Homoíne têm do papel da rádio comunitária no processo de desenvolvimento local, foram analisados dois momentos distintos, no período antes de implantação da rádio local e depois, para se registar as mudanças desde a instalação deste recurso no seio da comunidade, olhando para a vertente económica, sócio-cultural, política e ambiental;

Contudo, para a identificação de oportunidades e desafios da RCH na promoção do desenvolvimento local, foram descritos os pontos fortes, oportunidades, fraquezas e ameaças, destacando a dimensão de infra-estruturas e equipamentos da RCH, dimensão de recursos humanos e incentivos na rádio e a dimensão social deste meio.

3.2.7. Processamento e análise de dados

Os dados dos inquéritos foram codificados e lançados no programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 16.0. O trabalho baseou-se em análise estatística descritiva dos principais parâmetros levantados.

Portanto, para análise das médias e percentagens das respostas, fez-se o cruzamento da informação recolhida na entrevista de informantes-chave, no que diz respeito ao papel da RCH para o desenvolvimento local, o que culminou com conclusões relevantes sobre o funcionamento e desafios que a Rádio Comunitária de Homoíne tem no desenvolvimento local.

3.2.8. Limitações do estudo

Ao longo da pesquisa constataram-se várias limitações (Tabela abaixo).

Tabela 4: Descrição das limitações no estudo.

Limitação	Implicação	Superação
Falta de compromissos de alguns entrevistados, especificamente as estruturas de governo distrital	Adiamento da entrevista	Marcação de outra data para entrevista;
Dificuldade de acesso de informação	Aumento de dias de recolha de dados de campo	Sensibilização das estruturas locais; Intervenção dos líderes comunitários nas localidades visadas
Falta de colaboração por parte dos entrevistados, devido a falta de remuneração	Respostas não consistentes; Inquéritos não respondidos.	Sensibilização do entrevistados, explicando o âmbito da pesquisa
Degradação das vias terciárias que dão acesso algumas povoações	Demora de chegada às comunidades visadas	Reestruturação da planificação, no caso de localidade de Golo houve necessidade de se alojar um dia antes

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Historial da Rádio Comunitária de Homoíne

Segundo o FORCOM, o sonho de se instalar uma rádio comunitária em Homoíne é de há muito tempo, da época em que Maxixe não passava de um pequeno aglomerado de casas e Homoíne assumia-se como a mais importante vila de toda aquela zona em que se localiza.

Com efeito, os primeiros passos para a instalação da RCH datam desde 1999. Nesta altura, um consultor da UNESCO, Eduardo Namburete, deslocou-se à vila-sede de Homoíne para uma primeira avaliação das condições sociais e económicas da comunidade local e do distrito no seu todo, bem como do nível de dotação em infra-estruturas básicas como energia eléctrica, telecomunicações, etc. Dessa missão, que consistiu numa série de entrevistas à diferentes actores (religiosos, partidos políticos, grupos organizados de cidadãos e as autoridades da administração pública), resultou a recomendação de que a UNESCO deveria considerar Homoíne como elegível para o projecto de uma rádio comunitária. Portanto, agendou-se, então, o primeiro encontro em Janeiro de 1999, entre um enviado do Projecto Medias UNESCO e PNUD e representantes da comunidade de Homoíne (na ocasião estiveram presentes 15 pessoas), que acabariam por constituir o grupo dos membros fundadores da comissão instaladora, que mais tarde se transformaram em associação da rádio comunitária (UNESCO, 2001).

Depois disso, este núcleo iniciou um processo de mobilização, explicando a população o objectivo que se pretendia atingir; mobilizar mais membros para o projecto e criar bases para a constituição legal de uma associação de rádio comunitária.

Enquanto se fazia a mobilização das comunidades e a angariação dos fundos para as despesas iniciais (os que iam aderindo à iniciativa pagavam uma jóia de cinquenta meticais e uma quota mensal de cinco meticais), algumas pessoas relativamente mais habilitadas, na falta de juristas credenciados, começaram a fazer pesquisas no sentido de encontrar bases que permitissem a elaboração de um estatuto para a associação que se pretendia criar. Aí o mais importante não era fazer um texto bonito; era acima de tudo, registar de forma clara o que se pretendia que fosse a associação da rádio comunitária (UNESCO, 2001).

No ano 2000, foi possível ter pronta a versão definitiva dos estatutos da associação. O passo seguinte foi o da oficialização da associação. E com os fundos que tinham colectado dos associados e de alguns comerciantes locais (250 MT por pessoa), foi possível tratar da

documentação necessária para efeitos de registo notarial da associação – certidões de registo criminal, fotocópias autenticadas dos bilhetes de identidade – e pagarem-se as despesas inerentes aos custos legais e à própria viagem para a cidade de Inhambane das dez pessoas que iriam assinar a acta constitutiva (*Idem*).

Segundo Hussene, Algy Adamo¹⁶ na fase inicial, os indivíduos que aderiram como membros da associação eram essencialmente jovens desempregados, mas à medida que a comunidade foi verificando que o projecto era algo sério, a situação mudou, de tal forma que hoje a rádio comunitária de Homoíne conta com um diversificado universo de associados – entre trabalhadores, proprietários, líderes políticos e comunitários.

O entrevistado ainda afirma que quando a associação foi legalizada, constituiu-se o comité de gestão, composto por 15 membros e destacou que o comité foi constituído praticamente pelos próprios membros fundadores que mais trabalharam na fase inicial da iniciativa.

Hussene afirmou ainda que mais visível se tornou o projecto quando começou a reabilitação do imóvel da rádio comunitária, um edifício com a fachada frontal circular cedido pelo governo distrital; a aquisição de mobiliário de escritório, computador, fotocopiadora, mais tarde a compra de motorizadas e bicicletas. Portanto, o equipamento fora, na sua maioria, financiado pela UNESCO no âmbito Projecto de Desenvolvimento das Medias.

Segundo Berlaves Alexandre¹⁷, muitos dos voluntários que logo no princípio se juntaram à iniciativa faziam-no tendo em vista um futuro emprego, eventualmente bem remunerado mas com o tempo, os mesmos entenderam que a própria rádio não tinha capacidade de dar o vencimento que era esperado, pois, para além de depender de receitas próprias, a rádio também contava com apoio de doadores/ONG's e estes financiavam mais a manutenção e nos primeiros anos de instalação da rádio da capacitação técnica de recursos humanos, isso fez com que muitos voluntários procurassem outro emprego, cenário ainda recorrente até ao presente momento.

A RCH conta actualmente com 180 membros inscritos, dos quais somente 47 membros encontram-se activos. No que diz respeito aos recursos humanos, a rádio conta actualmente

¹⁶Entrevista com o Hussene, Algy Adamo, actual Coordenador e Membro Fundador da Rádio Comunitária de Homoíne, Janeiro de 2014).

¹⁷Entrevista com Berlaves Alexandre, actual coordenador da estação da Rádio, Abril de 2015.

com 4 funcionários efectivos e 15 voluntários, sendo estes últimos na sua maioria estudantes do ensino secundário geral.

Após o término do projecto de instalação da rádio, financiado pela UNESCO, a rádio comunitária teve que se tornar auto-sustentável, o que culminou com criação de uma sala de informática, em que os monitores são também voluntários. Portanto, os cursos ministrados, são pagos e o valor das receitas é canalizado ao pagamento das despesas correntes como é caso de energia, água, segurança e consumíveis. Os anúncios (necrologia, aniversários, perdidos e achados) constituem outra fonte de rendimento.

Apesar destas fontes de rendimento, segundo o coordenador da estação, Berlaves Alexandre, ainda existe uma grande dificuldade no pagamento dos colaboradores directos da rádio, no caso concreto, os quatro membros efectivos na altura de entrevista estavam há mais de 3 anos sem os seus ordenados.

4.2. Características gerais dos entrevistados

A tabela abaixo apresenta as características da amostra distrital pesquisada, por sexo, idade e nível de escolaridade. Dos entrevistados, 229 são do sexo masculino e 166 do sexo feminino, correspondente a 58% e 42%, respectivamente. Portanto, dos que escutam mais a rádio local, cerca de 35% agregados familiares encontram-se na faixa etária dos jovens em detrimento de 14,4% da mesma faixa que não escuta, cerca de 26% que escutam a RC encontra-se na faixa etária dos adultos entre 35 a 64 anos de idade e a taxa mais baixa dos que escutam, de cerca de 9,1% encontra-se na faixa etária de idosos, com mais de 65 anos de idade.

Dos 70% AF's que escutam a RC, questionados sobre ter o receptor ou não, todos afirmaram ter um receptor. Entres eles destacam-se o aparelho rádio e o telefone com acesso a frequência da rádio. A faixa etária de jovens, assim como adultos associam escutar mais a rádio ao acesso às novas tecnologias, neste caso da existência de telefones com frequência da rádio e a faixa etária dos adultos afirmam que ainda tem o rádio como o receptor principal, embora que ainda têm dificuldade em usar o telefone como receptor devido a sua complexidade, assim reservando apenas para a comunicação.

Dos 30% AF's que não escutam a RC afirmam não ter condições para a compra de receptor, dado que a actividade que desenvolve não é rentável para a compra de receptor e que quando

ganha dinheiro em alguma actividade preocupa-se mais na compra de alimentos para o sustento da família e outros investimentos domésticos.

Portanto, de um modo geral a maior parte dos que escutam a rádio, são relativamente jovens, isso significa que esta faixa etária tem maior probabilidade de serem mais informados e saberem das oportunidades existentes no distrito. Contudo, as duas faixas etárias descritas como as mais escutam a rádio (jovens e adultos) pode ter implicação positiva na promoção de desenvolvimento local, dadas as oportunidades que são adquiridas pela difusão de informação.

Tabela 5: AF's que escutam e não escutam a RC por faixa etária e nível de educação

Sexo	18-34 anos		35-64 anos		65 anos	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Masculino	96	30	43	11	25	22
Feminino	42	27	58	20	11	10
Nível educacional						
Nenhum	4	27	4	16	19	24
Alfabet./Ensino para adultos	26	24	22	8	14	4
Ensino Primário	44	3	40	2	3	4
Ensino Secundário	62	2	32	4	-	-
Ensino Superior	2	1	3	1	-	-
Total	138	57	101	31	36	32
%	35	14,4	26	7,8	9,0	8,0

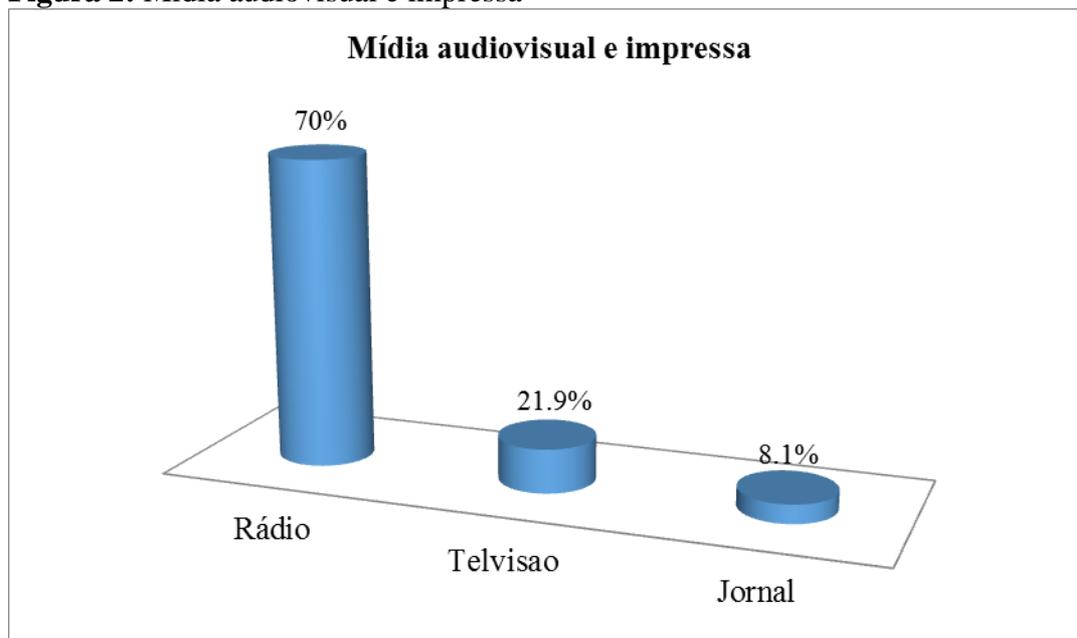
Fonte: Adaptada pela autora

4.3. Hábitos de Consumo Local da Mídia

O gráfico abaixo mostra que Rádio é o meio de comunicação mais usado por parte dos entrevistados (70%) sendo que a TV, a leitura de jornais, livros e revistas menos usadas. A população de Homóine pode aceder a três emissoras, nomeadamente, a Rádio Moçambique (RM), Rádio Progresso (RP), que é a rádio local da Cidade de Maxixe e a RCH.

Estes resultados vão de encontro aos resultados produzidos pelo UNESCO (2001) que refere que, ao nível nacional, maior parte da população depende da rádio para o acesso a informação (cobertura de 90%) enquanto jornais e revistas são lidos por menos de 2.5% da população.

Figura 2: Mídia audiovisual e impressa



As principais causas apontadas pelos entrevistados para o baixo uso de jornais e revistas incluem o grau de analfabetismo, o custo de aquisição e a disponibilidade dos mesmos no distrito. Para UNESCO (2001), a rádio está presente na maioria das casas dos países africanos, pois, a sua aquisição não é onerosa, diferente dos jornais e outros mídias e, não exige que as pessoas saibam ler para que o possam compreender. Pelo rádio, as mensagens podem ser ouvidas colectivamente, em grandes grupos, em família, entre amigos, fazendo com que mais pessoas partilhem o conhecimento e também os sentimentos despertados pelas notícias, músicas e outras informações. Tecnicamente, os custos de produção são significativamente inferiores em relação a outros meios de comunicação. Para além disso, a sua recepção é mais fácil e mais acessível do que o jornal e a televisão.

Contudo, se os custos de aquisição de um aparelho de Televisão e Jornal são relativamente elevados, e no caso de jornal em particular, necessita de um grau de instrução elevado, isso implica que em comparação com a Rádio, constitui o meio que pode contribuir grandemente no desenvolvimento local, dado que o poder de compra da população local para aquisição de outros meios de comunicação é relativamente baixo.

4.4. Género e mídia radiofónico

Comparando homens e mulheres, os resultados do estudo mostram que os homens escutam mais a rádio (41,5% dos homens) que as mulheres (28,1% das mulheres entrevistadas escutam rádio).

Estes resultados vão de acordo com os resultados produzidos pelo UNICEF (2005) que refere que os homens têm muito mais acesso aos *mass media* do que as mulheres. Este estudo revelou que 50% das mulheres adultas não têm acesso aos *mass media*, comparado com apenas 22% dos homens adultos. A falta de acesso é especialmente pronunciada nas áreas rurais, onde 63% das mulheres não têm acesso aos *mass media* comparado com 30% nas áreas urbanas. Nas áreas urbanas, apenas 9% dos homens não têm acesso aos *mass media*.

Segundo UNICEF (2005), este facto pode dever-se ao facto de os homens serem, regra geral, os proprietários dos aparelhos de rádio; a carga de trabalho das mulheres e também em parte, os valores culturais que confinam a posse da rádio à esfera de influência masculina. Por outro lado, as responsabilidades domésticas das mulheres limitam o gozo dos tempos livres para escutar a rádio. Porém, o facto de as mulheres escutarem menos, significa também que têm menos acesso à informação que é importante para dinamizar o seu desenvolvimento e das suas zonas.

Os AF's nas zonas rurais em Moçambique são na sua maioria chefiados por mulheres (INE, 2007). Portanto, se este grupo tiver pouco acesso à informação, poderá afectar negativamente nas políticas e estratégias de desenvolvimento do país. Por outro lado, as rádios comunitárias deviam criar condições para a participação equitativa do género e promover programas impulsionadores de interesse da mulher.

Bergh - Collier (2007:71) afirma que há necessidade de integração da igualdade de género nas *mídias* massivas. Portanto, a acessibilidade de aparelhos constitui uma via para inclusão deste grupo.

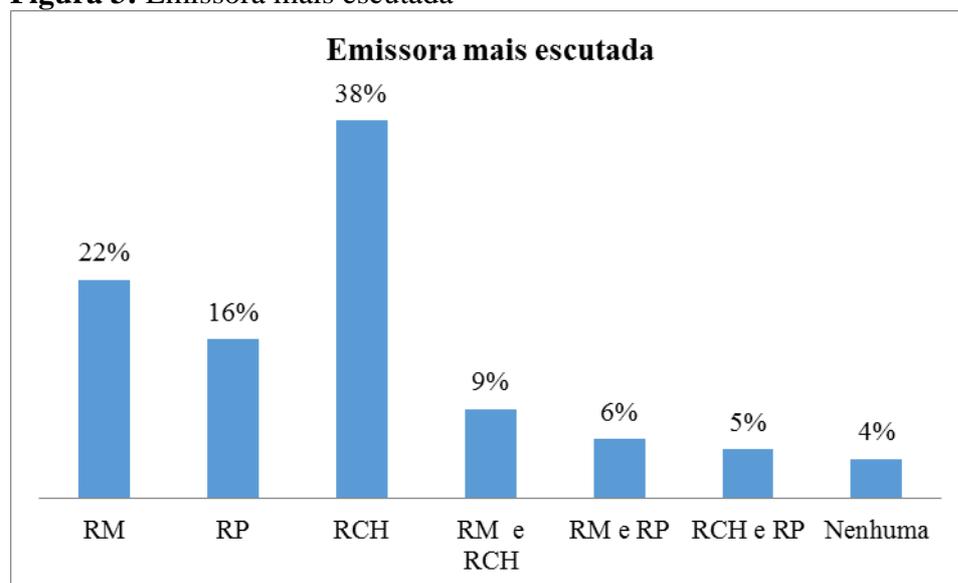
Portanto, a reflexão que se faz no presente estudo é que o desenvolvimento local só pode ser alcançado em conjunto, com o envolvimento de todos, e a mulher deve estar informada sobre o que acontece no seu meio para que consiga se defender e possa contribuir para a edificação de sociedades libertas da ignorância, pois, entende-se que a mulher constitui a maioria da população moçambicana, representando 52,3% em relação à população total (INE, 2007) e desempenha um papel fundamental na manutenção e desenvolvimento da família e da sociedade.

4.5. Emissora mais escutada

O gráfico 3 abaixo, mostra que entre os entrevistados que afirmaram ter o hábito de consumo da mídia através da rádio (164 do sexo masculino e 111 do sexo feminino), cerca de 38% tem preferência pela Rádio Comunitária de Homoine (RCH) e segue-se a Rádio Moçambique (RM) com (22%) e a rádio vizinha de Maxixe, Rádio Progresso (RP) com cerca de (16%). Questionados sobre a motivação da preferência, alegam a primeira causa pela identificação com as notícias veiculadas e pelas línguas usadas para os diversos programas, sobretudo língua local. Em relação à RM, sintonizam-na para escutar os noticiários e alguns programas de interesse nacional.

Se a grande parte da população do distrito tem a preferência da rádio local, supõe-se que esteja a participar no desenvolvimento das comunidades, articulando os interesses, necessidades e problemas das comunidades locais, promovendo e construindo o processo participativo e da cidadania.

Figura 3: Emissora mais escutada

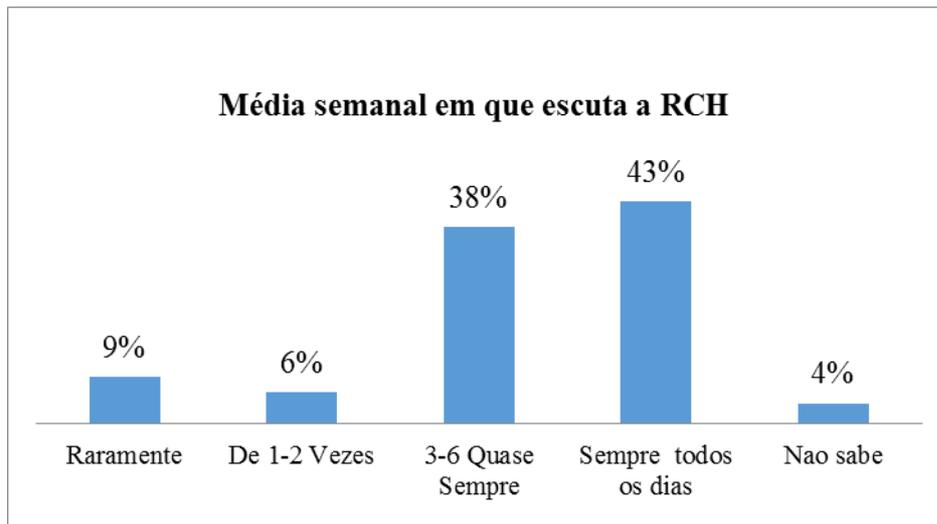


4.6. Média semanal em que escuta a RCH

O gráfico 4 abaixo, mostra que entre os entrevistados que afirmam ter o hábito de consumo da mídia através da rádio, entre eles homens e mulheres, 43% afirmam escutar a rádio todos os dias e cerca de 38% escuta rádio quase sempre entre 3-6 dias, 9% raramente escuta, 6% uma a duas vezes por semana e 4% não sabe se escuta a rádio.

Isso, implica que o consumo da mídia através da rádio e em particular a rádio comunitária (resultado de uma produção local) propicia uma gama de informação diária as comunidades locais e as mesmas tem espaço de intervenção, diferentemente das sociedades tradicionais que maioria não detinha espaço social de intervenção.

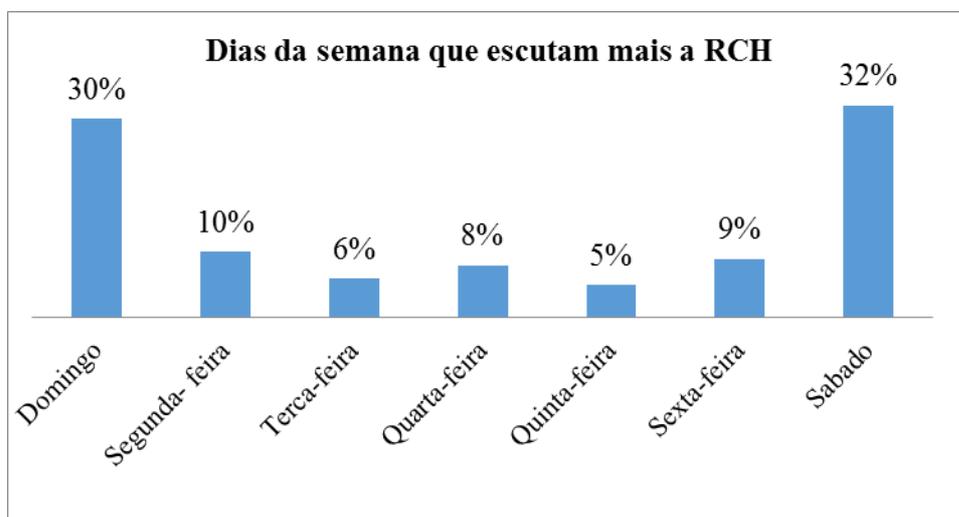
Figura 4: Quantidade de vezes em que escuta a rádio por semana



4.7. Dia da semana que escuta mais a RCH

Dos entrevistados, consideram sábado e domingo com cerca de 32% e 30% respectivamente, sendo os dias que mais escutam a rádio. Os dados indicam terça-feira e quinta-feira os piores dias da semana para escutar a rádio.

Figura 5: Dias da semana que escutam mais a RCH



Questionados sobre os dias que escutam mais a rádio, os AF's consideram que Sábado e Domingo são os dias que passam muito tempo em casa. Por outro lado, o escutar mais rádio nesses dias está associado a preferência dos programas veiculados.

Os dados de pesquisa quantitativa sobre os hábitos de informação e formação de opinião do Brasil sobre a *mídia* impresso, consideram o domingo como sendo o dia da semana para ler jornal, com cerca de 42,3% de respondentes, tratando de final de semana, com mais tempo livre (Governo do Brasil, 2010).

Portanto, no contexto moçambicano estes são dias reservados para certas actividades de carácter doméstico, para além de participar de cultos religiosos, e isso implica que o índice de audiência para o consumo da *mídia* radiofónico local é maior.

4.8. Motivo pelo qual escuta mais a RCH

A tabela abaixo mostra que dos 275 inqueridos as razões apontadas como motivação para escutar mais a RC, as notícias veiculadas (31%), as línguas locais (21%) e a confiança na emissora (16%) foram apontadas como principal motivação para escutar a rádio comunitária. Por outro lado, os entrevistados apontaram também a existência de apresentadores confiáveis (12%) e a forma de comunicação de apresentadores (9%) sendo factores que de certo modo influenciam na escolha da emissora local.

Segundo Alves (2005) a utilização das línguas autóctones é um dos factores determinantes para a edificação de um órgão de comunicação identitário do grupo a que pertence. Os programas são maioritariamente transmitidos na língua ou línguas dos grupos étnicos predominantes, e com alguns programas na língua nacional.

Tabela 6: Razões apontadas pelos AF's como motivação para escutarem a RCH

Motivação para escutar mais a RCH	n=275 %
A emissora é confiável	16
Identifica-se com as notícias veiculadas	31
As línguas usadas	21
Os apresentadores são confiáveis	12
Forma de comunicação dos apresentadores	9
Não tem outras opções	7
Não sabe	4

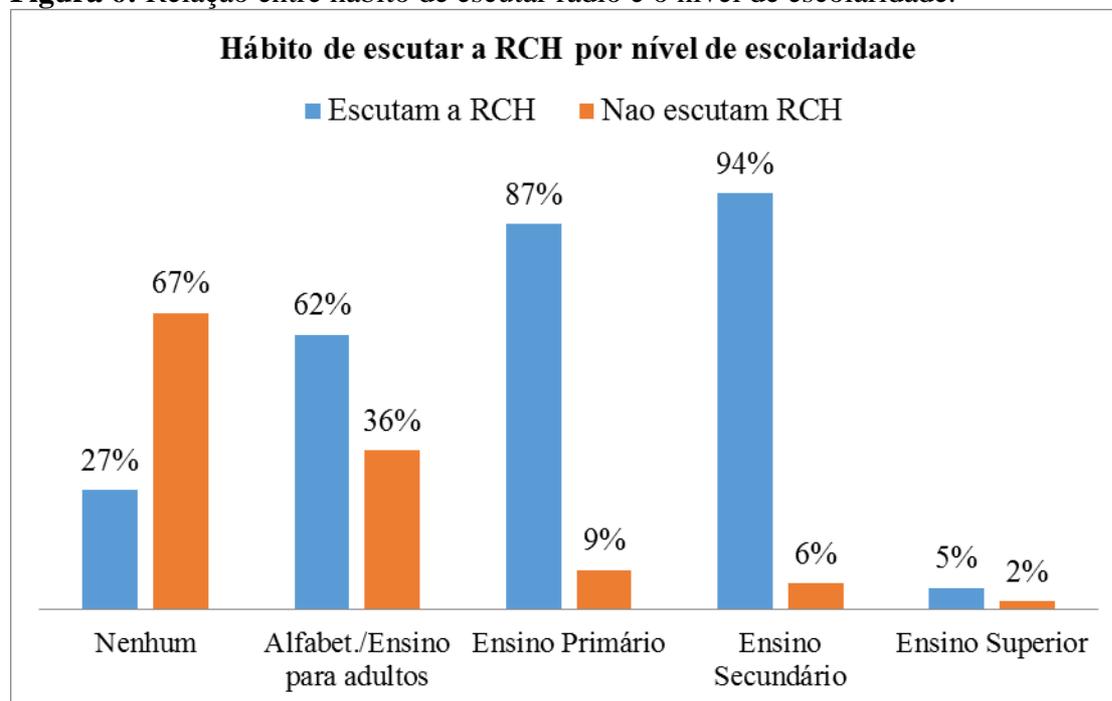
Portanto, ao pensar numa rádio comunitária há que ter em conta as notícias a serem vinculadas, as línguas a serem usadas, o perfil de fazedores da rádio, estes são aspectos importantes para estabelecer uma rádio e alcançar os objectivos pretendidos.

4.9. Hábito de escutar a RCH por nível de escolaridade

O gráfico abaixo representa proporções relativas ao hábito de escutar RCH em cada nível de escolaridade e constata-se que os dados apresentam uma relação directa em cada nível de escolarização, ou seja, os dados indicam que em todos os níveis a maior proporção é dos que escutam a rádio. Todavia, diferente dos que estão sem nenhum nível (analfabetos) em que a proporção dos que não escutam é elevada com cerca de 67% em relação aos 27% dos que escutam a rádio comunitária.

Sen (1998/9) propõe um modelo para alcançar o desenvolvimento, centrado na ampliação das capacidades humanas. A educação é factor importante para o desenvolvimento local, maior consumo da mídia implica a ampliação de capacidades e direitos, a essência do desenvolvimento humano vai reflectir no grau de liberdade que as pessoas têm para eleger sua maneira de viver.

Figura 6: Relação entre hábito de escutar rádio e o nível de escolaridade.



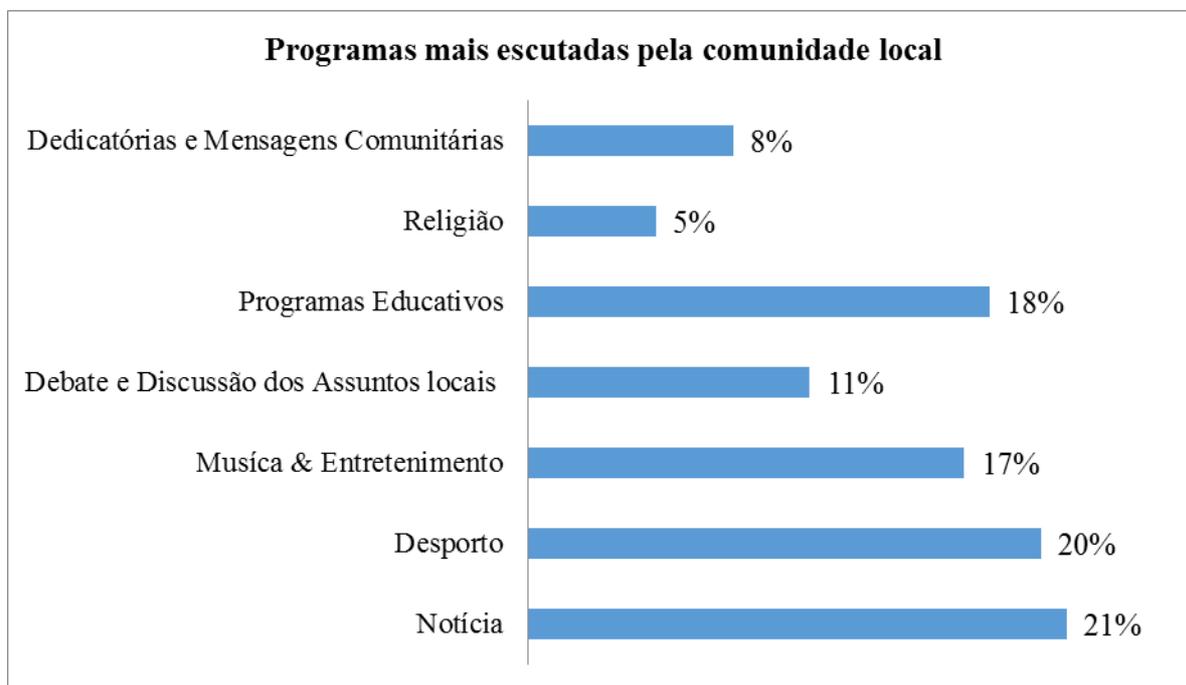
A luta contra o analfabetismo em qualquer sociedade abre espaço para mudanças no meio rural, pois a mesma passará a ser mais informada e as mudanças ocorrerão rapidamente.

4.10. Linhas editoriais da RCH

De entre os vários programas veiculados na RCH, destacam-se os seguintes: notícia, programas educativos, debates dos assuntos locais (cultura, género, juventude, crianças, meio ambiente, lei e ordem, governação local, etc.), religião, desporto, música e entretenimento, dedicatórias e mensagens comunitárias.

O gráfico abaixo mostra que os programas mais preferidos são: notícia, desporto, programas educativos e música e entretenimento com cerca de 21%, 20%, 18% e 17%, respectivamente e o programa religioso (5%) e as dedicatórias e mensagens comunitárias (8%) são os menos preferidos. Os dados mostram a necessidade de ter em conta as linhas editoriais para maior índice de audiência na rádio local, constituindo um factor importante para a tomada de decisão, entre escutar e não escutar a rádio local. Se a linha editorial não satisfaz as necessidades das comunidades, estes passam a não se interessar pela esta informação difundida.

Figura 7: Programação da rádio preferida pelas comunidades locais



Segundo as estruturas locais e colaboradores¹⁸ da RCH, o programa de desporto tem um carácter essencialmente informativo, com recurso constante à reportagem e estritamente relacionado com a promoção do futebol local.

No rol dos programas educativos, destacam-se os seguintes: saúde sexual e reprodutiva, saneamento do meio, educação ambiental, comunidade e a ciência, este último é passado em forma de concurso, com maior participação dos adolescentes e jovens na fase estudantil.

No que concerne a música e entretenimento, os colaboradores¹⁹ da rádio afirmam que a música transmitida é eminentemente africana, com destaque para ritmos tradicionais e em menor frequência a música anglo-saxónica. Para os entrevistados, a maioria dos programas musicais incluem ritmos que vão ao encontro dos interesses de várias faixas etárias (crianças, jovens, adultos e velhos). Segundo os colaboradores, a música local passada na emissora é recolhida nas comunidades do distrito.

Portanto, esta é uma das formas que a rádio local encontrou de defender e valorizar a música local, através do programa de entretenimento “*escolhe, nós tocamos o que é nosso*”, análise diferente para outras emissoras como a RM e Rádio Progresso da Maxixe que transmitem fundamentalmente música comercial.

Para os entrevistados o programa de debate dos assuntos locais é levado a cabo pelos comentadores locais e órgãos de governo distrital sobre várias temáticas de interesse público (Debate sobre assuntos ligados ao Desenvolvimento Rural, Agricultura Familiar, Governação Local, entre outros).

A publicidade institucional e anúncios constituem uma outra categoria dos programas veiculados pela RCH. No que concerne aos anúncios, o aparecimento ou desaparecimento de pessoas e de objectos, é encaminhado para a rádio concretamente no programa de mensagens e saudações comunitárias. Quando se trata de objectos perdidos e que são achados, como carteiras, documentos (BI's), telemóveis, entre outros, habitualmente a população entrega na rádio e os mesmos são anunciados para os respectivos proprietários.

Ainda segundo os colaboradores da rádio, o programa de anúncios tem muita audiência, especialmente pela divulgação de anúncios necrológicos. Tornou-se hábito as famílias

¹⁸Entrevista concedida com os líderes comunitários e colaboradores da RCH, Maio de 2015.

¹⁹Entrevista concedida pelos colaboradores da RCH, Abril de 2015, das 15h às 17h.

enlutadas comprarem um anúncio para darem a conhecer o óbito aos familiares e amigos distantes, visto ser crucial a presença de todos no momento do funeral.

Segundo os colaboradores²⁰ da RCH, a identificação e conhecimento do público são cruciais na execução dos programas, e permitem uma maior e melhor definição dos conteúdos a serem produzidos.

Bonin (2001) afirma que na programação da rádio comunitária, o conteúdo que é levado para o ar é bem diferente do que é adoptado por uma emissora comercial, e ainda mais do que a da mídia corporativa. Enquanto a programação dos *mídias* tradicionais capitalistas tem o objectivo de massificar a sua programação, a fim de tentar atingir todos os públicos para a maior obtenção de dividendos financeiros, a de uma rádio comunitária é particularizada, direccionada e objectiva, buscando atingir um público específico.

Para o mesmo autor, uma peculiaridade que se nota é a aplicabilidade da informação. Enquanto nos *mídias* tradicionais as informações são transmitidas de forma ampla e superficial, nas emissoras comunitárias elas são interpretadas para o ouvinte da comunidade local, de forma que a mesma não apenas entenda a informação que está sendo transmitida, mas também perceba a relevância que o facto tem para o seu dia-a-dia.

4.11. Categoria do programa e tempo de antena semanal

Os programas de noticiário e assuntos correntes (36,7%) e programas educativos (35%) ocupam maior parte de tempo de antena semanal e a menor proporção do espaço de tempo de antena está na categoria de programas publicitários e religião com cerca de 1,2% e 1,5%, respectivamente.

A rádio comunitária é o resultado de uma produção local, que privilegia a identidade e a cultura do grupo. A rádio comunitária alimenta a identidade cultural, valorizando as expressões artísticas locais, como a música, a dança, o teatro, a poesia e a lenda, entre outras. Implica que a rádio comunitária de Homóine providencia a perfeita plataforma para o debate local, abrangido por uma percepção comum da situação e impulsionando a acção colectiva.

²⁰Entrevista concedida pelos colaboradores da RCH, Abril de 2015 às 15:00h

Tabela 7: Categoria do programa e tempo de antena semanal

Nº	Categoria do programa	Horas por semana	Percentagem do tempo total de antena semanal (%)
1	Música e Entretenimento geral	9:15	12,9
2	Didicatórias e Mensagens Comunitárias	3:05	3,8
3	Debate e Discussão dos Assuntos locais (Cultura, Género, Juventude, Crianças, Meio N° ambiente, Governação Local, etc)	8:45	11,2
4	Publicidade institucional	1:00	1,2
5	Programas Educativos (saúde reprodutiva, saneamento do meio, educação ambiental, comunidade e a ciência, etc.)	28:10	35
6	Noticiário e assuntos correntes (informação de utilidade pública)	28:50	36,7
7	Religião	1:10	1,5
8	Desporto	1:40	2,1
Total		78:10	100

Para Jane (2006) a produção dos programas nas Rádios Comunitárias é organizada, partindo de uma planificação com vista a responder aos desafios de desenvolvimento da comunidade, o envolvimento mútuo e as práticas comunicacionais de forma a promover a democracia. De modo a envolver a comunidade com a rádio, é importante haver uma programação abrangente, em que englobe temas sobre as diferentes camadas envolventes.

Segundo o mesmo autor afirma que grande parte das emissoras das RC é controlada por segmentos religiosos, ou seja, a igreja católica e as protestantes. O mesmo autor afirma que quando isso ocorre, devido ao inevitável problema de conjugar o discurso religioso ao político. Alguns autores, assim como alguns entrevistados associam o controlo religioso das RC, a sustentabilidade das mesmas.

Todavia, os dados do presente estudo contrariam a ideia de que as RC são controladas pela igreja porque supunha que o programa da igreja ocupasse mais tempo, neste caso, apenas 5% corresponde a proporção de programas religiosos na RCH.

4.12. Programação participativa na RCH

Para Pase (2001:61) citando Navarro (1999) a participação da comunidade emerge com relevância para os projectos de desenvolvimento rural, de forma consultiva, a partir da década de 1970. No entanto, é a partir da década de 1990 que ocorre uma mudança paradigmática, quando a participação do público-alvo é reconhecida como possibilidade de garantir o sucesso dos projectos de desenvolvimento.

Segundo Hussene²¹ são vários momentos em que a comunidade local é chamada a participar na planificação das actividades da rádio. Um dos momentos mais importantes foi a fase de implantação do projecto, em que junto com parceiros se fez a consulta comunitária. Por outro lado, a participação comunitária é feita através de alguns programas interactivos, em que as comunidades interagem directamente com locutor apresentando sugestões para melhoria, ou mesmo para alteração de certos conteúdos.

Para outros colaboradores da rádio, a única forma de participação comunitária na elaboração de conteúdo é feita via linhas abertas, em que a população liga e sugere os programas que mais gostaria de escutar, para além de dar sugestões de outros conteúdos para enriquecimento da grelha de programação. Por exemplo, na música, o programa “*Escolhe nós tocamos*” é uma das formas de participação comunitária encontrada, pois ajuda a avaliar que tipo de música é que a comunidade gostaria de escutar.

Neste caso, os ouvintes passam a ser também produtores dos conteúdos, apresentando as suas análises críticas. Portanto, os colaboradores consideram que a participação ainda não é efectiva, precisando de a rádio adoptar ainda melhores mecanismos no âmbito da programação participativa da rádio.

Questionados AF's sobre a participação das comunidades na escolha de conteúdos, 92% afirmou que não sabe como participar na programação dos conteúdos, dado que não existe espaço reservado para recepção de proposta de novos conteúdos e apenas cerca de 4% afirma que está satisfeito com a grelha de programação que a emissora desenhou. Portanto, afirmam estar a consumir somente o que lhe é apresentado.

A maior interactividade entre ouvintes e promotores de desenvolvimento é o passo fundamental para alcançar o desenvolvimento dum determinado espaço geográfico. Portanto, as rádios comunitárias têm um papel expressivo para o capital social (JANE, 2004).

As rádios comunitárias são um grande espaço de debate público (local) onde se pode promover a cidadania e a democracia, onde as populações se sentem mais próximas com maior poder de participação e ao mesmo tempo, dão poder (*empowerment*) àqueles que, na sociedade como um todo, não têm ou sentem que não o têm.

²¹Entrevista concedida pelo Coordenador da RCH, Abril de 2015 às 13:00h

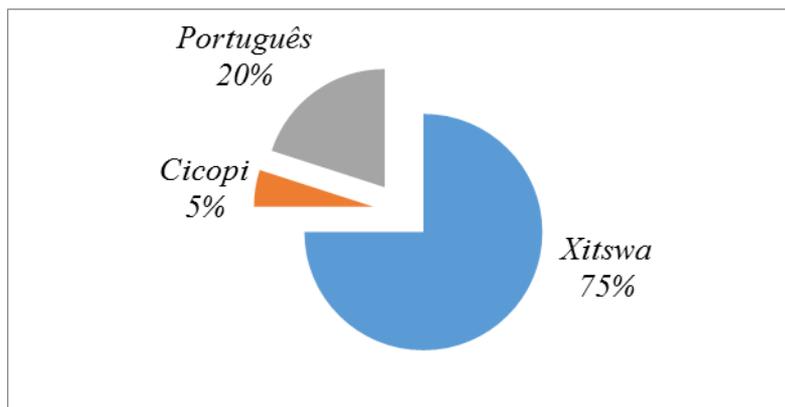
A falta de participação comunitária torna a rádio ineficaz no contributo ao desenvolvimento rural, de acordo com Bordenave (1998), pelo facto de não criar mecanismos de interactividade entre ouvintes, a rádio, os promotores do desenvolvimento (associações, ONGs, Instituições públicas e privadas etc.) e os líderes comunitários.

4.13. Línguas utilizadas na RCH

O gráfico abaixo mostra que os programas veiculados na rádio são apresentados maioritariamente em três línguas, nomeadamente: *Xitshwa* (75%), *Português* (20%) e *Cicopi* (5%).

Entretanto, os programas são maioritariamente transmitidos na língua ou línguas dos grupos étnicos predominantes, e com alguns programas na língua nacional.

Figura 8: Línguas utilizadas na RCH



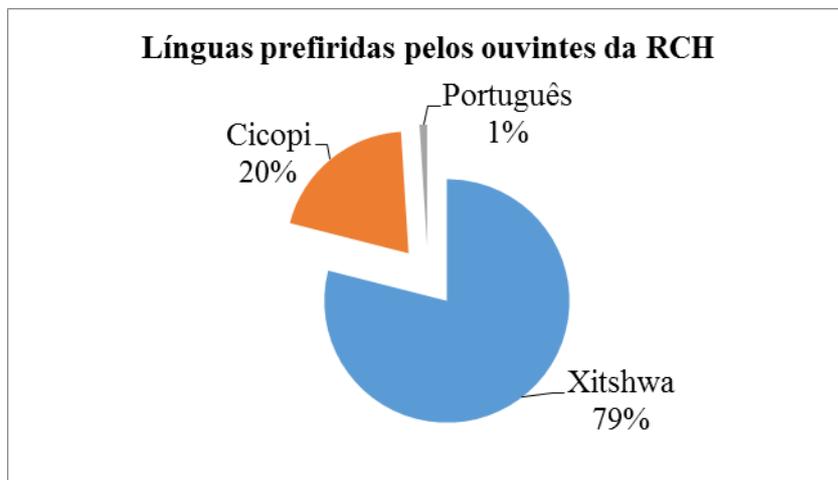
O predomínio das emissões em língua *xitshwa* é explicado pelo facto de a maioria da população residente ser falante deste idioma. O segundo idioma mais falado no distrito é *Cicopi* e o português é a língua falada pela minoria, quase exclusivamente residente na vila-sede.

O idioma *xitshwa* ocupa maior parte do tempo de antena com cerca de oito horas de emissão diária e os restantes idiomas (*Cicopi* e *Português*) ocupam cerca de quatro horas de antena, cada (ver Figura 10 em Anexo). O *Cicopi* foi introduzido há cerca de 3 anos devido aos pedidos formulados pela população nos estudos de audiências e pela existência de alguns voluntários “falantes” da língua.

O gráfico abaixo ilustra que cerca de 79% de entrevistados afirmam ter preferência dos programas em língua *xitshwa*, 20% em língua *cicopi* e a menor proporção da população tem preferência de programas veiculados em língua portuguesa (1%).

Portanto, se grande número do que escuta a rádio no distrito de Homóine são falantes de língua local *xitshwa* e a maioria da população fala este idioma, significa que grande parte consome a informação difundida pela rádio, uma informação que pode ser massificada para construção da cidadania.

Figura 9: Línguas preferidas pelos ouvintes da RCH



Portanto, estes dados vão de acordo com as estatísticas do distrito de Homóine avançados pelo INE (Censo/2007) que indicam que 72,9% da população do distrito que fala *Xitshwa* e 13,3% *Cicopi* e menos de 7,1 % fala língua portuguesa.

Segundo INE (2007)²², na Província de Inhambane a percentagem de da população e línguas mais faladas com maior frequência são: *Xitshwa* (55,7%), *Gitonga* (23,6%), *Cicopi* (9,3%), *Português* (7,1) e *Xichangana* (1%) (ver o Figura 11 em Anexo).

²² www.ine.gov.mz

4.14. Percepção das comunidades sobre o papel da RCH no processo de desenvolvimento rural

Cerca de 38% de entrevistados afirma ter hábito de consumo da imprensa através da rádio, de preferência a local (RCH), motivada principalmente pelas notícias veiculadas pela língua local para os diversos programas. É importante analisar a relação entre o consumo da imprensa local com a percepção das comunidades sobre o papel desempenhado pela RCH no processo de desenvolvimento local. Portanto, questionado sobre o papel atribuído a RCH no processo de desenvolvimento local, todos são unânimes em afirmar que a rádio local contribui grandemente para o desenvolvimento, sendo um meio de carácter massivo. Para além de que a RCH é um parceiro forte das instituições do governo distrital e o veículo que mais se usa para disseminar informações de utilidade pública.

Para analisar a percepção, os entrevistados analisam dois momentos distintos, no período antes de implantação da rádio local e depois, olhando nas principais dimensões, nomeadamente: económica, sócio-cultural, político e ambiental.

Antes da implantação da rádio, o fluxo de informação era reduzido, tendo influenciado negativamente no desenvolvimento de alguns sectores importantes, como por exemplo para o sector de saúde, educação e cultura, agricultura, entre outros.

Primeiro, olhando para dimensão económica, os entrevistados afirmam que a rádio tem desempenhado um grande papel, dado que, mantém a população local informada sobre a situação económica do país, por exemplo, a flutuação dos preços de produtos nos mercados, informação sobre empregos, produtos e serviços.

Segundo, na dimensão sócio-cultural, que através das línguas locais que são usadas na maioria dos programas é uma das formas para valorizar a cultura e valores tradicionais, mantendo a identidade dos nativos através de eventos culturais, assim como através de entretenimento musical, para além de que passam na rádio local, programas sobre saúde, por exemplo sobre a saúde sexual e reprodutiva, HIV/SIDA, vacinação, pulverização contra a malária, início do processo de matrículas escolares, entre outros.

Terceiro, na dimensão política, sendo a rádio local privilegiada para debates políticos, conteúdos publicitários e campanha eleitoral, convocação de comícios, entre outros.

Na quarta dimensão, apesar de não ser de forma recorrente segundo os entrevistados, na rádio local de Homóine são discutidas questões ligadas as mudanças climáticas, sobre os mecanismos sustentáveis para o uso dos recursos naturais, mecanismos de adaptação face a eventos desastrosos, entre outros assuntos relevantes.

No entanto, cerca de 80% de entrevistados afirmam ter registado mudanças desde a instalação da rádio no seio da comunidade, por exemplo, “em relação à atitude e comportamento face ao perigo das doenças de transmissão sexual e HIV/SIDA, serviços de necrologia, planeamento familiar, adesão às campanhas de vacinação, início das campanhas agrícolas e data de sementeiras, cheias e secas, o papel da mulher na sociedade, educação da rapariga, introdução de novas técnicas de produção agrícola. E, constitui também um importante meio para a recreação e educação cívica dos cidadãos.

O facto de os ouvintes preferirem, na sua maioria, acompanhar a programação nas línguas maternas, permite que a informação chegue a todos em tempo real e sem precisar de tradução, e isso, faz com que a comunidade não se sinta excluída.

Estes dados entram em concordância com a constatação de Jane (2006) que enfatiza a grande importância das emissoras comunitárias para o fomento do desenvolvimento local. Para o autor, as rádios comunitárias informam, ajudam a comunidade a pensar, agir, conhecer e cobrar soluções para os problemas. Enfim, a exercer a sua cidadania. O mesmo autor afirma que o factor determinante para que essas emissoras possam agir como promotoras do desenvolvimento local será, única e exclusivamente, a forma como a comunidade se apropriará delas.

Assim como as constatações de McLeish (2001) que afirma que a rádio desempenha um papel fundamental para a sociedade na medida em que actua como um multiplicador, acelerador do processo de informar a população. Fornece também informação sobre empregos, produtos e serviços, para além de actuar como um vigilante sobre os que tem poder, propiciando o contacto entre estrutura local e o público em geral, ajudando a desenvolver objectivos comuns e opções políticas possibilitando o debate social e político e expondo temas e soluções práticas. Contribui para a cultura artística e intelectual dando oportunidades para artistas novos e consagrados de todos os géneros, divulga ideias que podem ser radicais e que levam a novas crenças e valores promovendo assim diversidade e mudanças ou que reforcem valores tradicionais para ajudar a manter a ordem social por meio

de *status quo*, facilita o diálogo entre indivíduos e grupos, promovendo a noção de comunidade, mobiliza recursos públicos e privados para fins pessoais ou comunitários, especialmente uma emergência

Gomes (2013) afirma que a comunicação comunitária via rádio é um dos principais contribuintes para a consciência de cidadania numa comunidade, não só pelo seu carácter denunciativo e reivindicatório, mas também pelo próprio processo de realização, que adquire papel educacional, já que ao participar destes meios, o cidadão passa a compreender melhor a mídia e o contexto onde vive, adquirindo uma visão crítica do mundo.

4.15. Identificação de oportunidades e desafios da RCH na promoção do desenvolvimento local

Quando se fala das rádios comunitárias no país, um dos principais constrangimentos do seu funcionamento tem a ver com as infra-estruturas, equipamentos e a sua sustentabilidade, uma vez que não têm um carácter lucrativo, o que, à partida, constitui um desafio.

Portanto, usou-se a análise FOFA (Tabela 8) para analisar os desafios e oportunidades que a rádio apresenta, que pode servir de base para gestão e planeamento estratégico da rádio local.

Tabela 8: Análise de FOFA

Forças	Fraquezas
<ul style="list-style-type: none"> • A RCH possui instalações próprias; • É independente do ponto de vista de arrendamento; • Possui um corpo de voluntários jovens; • Tem boas relações de cooperação com os parceiros (Rádio Moçambique); • Parte dos membros da rádio são profissionais da comunicação social com longa experiência; • Conta com um Conselho com a missão de assegurar a participação comunitária • O uso das línguas <i>Xitshwa</i> e <i>Cicopi</i> nas suas emissões facilita o acesso à informação por parte de muitos ouvintes; • Dispõe ainda de uma sala de informática apetrechada que garante o sustento das despesas correntes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de Estatuto Editorial; Plano Estratégico e contractos de trabalho para todos colaboradores; • Ausência de um corpo redactorial permanente constitui um factor que pode influir negativamente no funcionamento pleno da rádio; • Falta de incentivos, na componente financeira, que influencia negativamente no desempenho dos colaboradores. • Falta de gravadores, meios circulantes, Internet, equipamento no estúdio de gravação e de um técnico qualificado capaz de fazer a manutenção dos equipamentos

Oportunidades	Ameaças
<ul style="list-style-type: none"> • A formação contínua dos voluntários; • Facilidades de parcerias; • Adopção de alguns projectos de geração de renda; • A elevação máxima da cultura de prestação de contas, a gestão transparente de fundos, a existência de Leis favoráveis à Comunicação Social. 	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de recursos financeiros; • Falta de subsídios para os colaboradores; • Custos de transportes; • Colaboradores na sua maioria jovens; • Crise económica e política

Como a RCH conta com instalações próprias e alguns membros são profissionais da comunicação social com experiência notável, há que potenciar a formação contínua dos voluntários jovens; capacitar um técnico capaz de fazer manutenção dos equipamentos; Consolidar o conselho com a missão de assegurar a participação comunitária, capitalizando as boas relações de cooperação com os parceiros que possam suprir as necessidades da rádio, como a falta de gravadores, meios circulantes, internet e equipamentos no estúdio de gravação.

Portanto, o alargamento de parcerias e adopção de alguns projectos de geração de renda afiguram-se como boas oportunidades e que bem aproveitadas, podem contribuir para o bom funcionamento da RCH.

A existência de muitos doadores e de muitas empresas no distrito, deve ser vista como uma oportunidade por explorar, numa perspectiva de servir de base para sustentação da rádio, uma vez que constitui ameaça para a RCH, a falta de recursos financeiros, a crise económica e política, decorrente da subida de custos dos produtos alimentares, assim como de combustíveis, o que desencoraja a participação dos voluntários não contemplados pelos subsídios, fazendo com que estes se sujeitem a procurar outras alternativas para sobrevivência, não sendo a rádio a primeira opção.

A formação contínua dos colaboradores, vai permitir com que a rádio local tenha um corpo redactorial qualificado, o que vai reflectir na qualidade dos programas e notícias. Também vai permitir que a rádio passe a ter um Estatuto Editorial e Plano Estratégico para alcance dos objectivos da rádio.

5. CONCLUSÕES

O presente estudo tinha como objectivo principal analisar o funcionamento e desafios da Rádio Comunitária de Homóine no desenvolvimento local. Dos resultados e análises apresentados ao longo do presente trabalho, pode-se concluir o seguinte:

- As comunidades locais do distrito de Homóine têm o hábito de consumo da mídia através da rádio, destacando preferencialmente, a rádio comunitária local (Rádio Comunitária de Homóine (RCH) e a Rádio Moçambique (RM) – isso implica que a rádio comunitária é um elemento decisivo no processo de desenvolvimento;
- Na RCH nota-se a falta de Estatuto Editorial, Plano Estratégico e do corpo redactorial permanente e experiente, isso pode implicar na qualidade de mensagem transmitida e na confiança dos consumidores desta informação;
- Maior parte dos entrevistados escutam os programas noticiosos, desporto e programas educativos e muitos deles fazem-no aos finais de semana. No cômputo geral, cerca de 43% escutam a rádio frequentemente, ou seja, todos os dias. Isso implica que a RCH pode ser considerada um instrumento impulsionador que possa contribuir para estimular a cooperação entre os indivíduos, auxiliar, acima de tudo, na busca de soluções para os problemas locais;
- A programação da rádio comunitária aloca maior parte do tempo em noticiário e assuntos correntes (informação de utilidade pública) (36%), programas educativos (saúde reprodutiva, saneamento do meio, educação ambiental, etc.) (35%) e a música e entretenimento geral com cerca de 12,9% do tempo total de antena semanal. Isso pode implicar que a linha editorial, o corpo redactorial permanente e experiente pode constituir um factor fundamental para manter as comunidades locais a preferir a RCH;
- A população pesquisada é unânime em afirmar que a RCH participa no processo de desenvolvimento local, sendo um meio de carácter massivo, interage em várias esferas de desenvolvimento, económico, sócio-cultural, político e ambiental. Ajuda as populações a exercer a sua cidadania. A RCH permite a edificação de espaço de emancipação da comunidade, promove a educação e veicula qualquer que seja o assunto que possa ser discutido pela comunidade, contribuindo deste modo para a melhoria do nível de vida das comunidades.

- A RCH apresenta muitas potencialidades mas também desafios para se tornar um instrumento forte de desenvolvimento local, tais como: possui instalações próprias com corpo redactorial de voluntários jovens, parte dos membros da rádio são profissionais da comunicação social com experiência, boas relações de cooperação com os parceiros, conta com uma sala de informática apetrechada e o uso das línguas *Xitshwa* e *Cicopi* nas suas emissões, facilita o acesso à informação por parte de muitos ouvintes. Porém, a mesma se debate com dificuldades financeiras, técnicas e humanas, a falta de estatuto editorial, para além de que é notória a falta de parcerias promotoras da sustentabilidade, a falta de formação dos fazedores da rádio e o recurso constante ao improvisado.

6. RECOMENDAÇÕES

- Para manter a RCH a mais preferida localmente, há necessidade do seu fortalecimento institucional e técnica, através de Estatuto Editorial e Plano Estratégico, incluindo a existência de um corpo redactorial permanente e experiente;
- Há necessidade de se estabelecer um mecanismo eficaz para maior envolvimento das comunidades na elaboração de grelha de programas radiofónico local, auscultando as comunidades no sentido de saber, que programas gostariam que fossem passados no tempo de antena local;
- Para que as comunidades não se sintam excluídas há necessidade de manter o foco, de maior parte de programas continuar a ser veiculados na língua local, podendo permitir que a rádio comunitária seja o espaço de debate público onde se promova a cidadania e a democracia, para além de ser um espaço onde se discute e arranja-se soluções dos problemas locais;
- Para que RCH seja de facto um instrumento impulsor de mudança no meio rural é necessário o comprometimento de todos os envolvidos (participação), isso pode estimular a cooperação entre os indivíduos, auxiliando acima de tudo a busca de soluções dos problemas locais;
- O principal desafio da RCH é de não deixar de assumir o seu protagonismo de relevo no processo de desenvolvimento local, apesar dos constrangimentos que a rádio enfrenta. Há necessidade de se capitalizar todas as potencialidades que apresenta,

assim como, superar as fraquezas e/ou ameaças associadas a ausência de um corpo redactorial, a falta de recursos financeiros e técnicos, olhando para as oportunidades de facilidades de parcerias e adopção de alguns projectos de geração da renda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. (1998). *A formação do capital social para o desenvolvimento sustentável*. Trabalho apresentado no II Fórum Contag de Cooperação Técnica. São Luiz, 1998. Alegre. Brasil;

ALUMUKU, P. e WHITE, R. (2005). “Rádio Comunitária para o Desenvolvimento na África”, comunicação apresentada no *Anuário Internacional De Comunicação Lusófona*, 2005, s.l. Disponível em <http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/anuariolusofono/article/view/1182/998>;

ALVES, A. M. V. (2005). *As Rádios Comunitárias em Moçambique: Estudo de caso*, Dissertação de Mestrado em Estudos Africanos, Porto, FLUP. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/53820>;

Assembleia da República. Lei 18/91, de 10 de Agosto de 1991, Maputo. Imprensa Nacional de Moçambique. 1991;

BERGH-COLLIER, E. V. (2007). *Para a Igualdade de Género em Moçambique*, Publicado pela Asdi em 2007, Acedida em: www.sida.se/publications;

BONIN, M. (1999). *Panorama do Pluralismo dos Media em Moçambique – Uma visão geral sobre o sector dos Media em Moçambique*, Maputo. UNICEF. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001227/122727porb.pdf>;

BONIN, M. H. (2001). *Panorama do Pluralismo dos Media*, Maputo, UNESCO PNUD, pp. 170-174;

BORDENAVE, J. D. (1998). *A comunicação como ferramenta do desenvolvimento sustentável*, Rio de Janeiro, relatório de consultadoria;

BRITO, R. (2013) Métodos e tipo de Pesquisa. Revista Produção, Vol 1. P 65-76, Rio de Janeiro.

BUSSOTTI, L.; NANNICINI, A. (2009). *Rádios Comunitárias, Desenvolvimento Distrital e Participação das Mulheres: Novas práticas de cidadania*. 1ª Edição. Maputo.

CALLOU, A. B. F.; BRAGA, B. (2005). *Estratégias de comunicação para o desenvolvimento local: uma experiência governamental em Pernambuco*. Revista uniRcoop. Sherbrook Canadá. V. 3, p.177-191, Out. 2005.

CASTRO, Valdimir de Oliveira (2000). *A reconfiguração do espaço público nas ondas das rádios comunitárias*. Belo Horizonte.

Constituição da República de Moçambique, aprovada a 16 de Novembro de 2004.

COSTA, R. A. (2011). *A Importância das Rádios Comunitárias para as Comunidades em que Estão Inseridas*, Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação Ano 4 - Edição 3 – Março-Maio de 2011 Avenida Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, São Paulo, CEP; Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/anuariolusofono/article.pdf>;

Estratégia para o Desenvolvimento das Rádios Comunitárias em Moçambique, 2000-2015

FEATHER, F. (1994), História de Administração.

FERRO, F. (2000). *Rádios Comunitárias: Janelas para cidadania*. Brasília: Câmara dos Deputados. Centro de Documentação e Informação. Coordenação de Publicações;

FORCOM (2009) *Política de Género para o Fórum das Rádios Comunitárias de Moçambique*. Maputo. Disponível em: http://www.caicc.org.mz/manuais/politica_genero_forcom.pdf;

FREDERICO, M. (2012). *Situação Da Educação Em Moçambique Face Aos Objectivos 2 E 3 De Desenvolvimento Do Milénio, Vol.2 nº02*, acedido: www.revista.org;

FREITAS, L. (1997). *Informação e Decisão: Sistema de apoio e seu Impacto*. Porto

FREUD, J. E. (2006). *Estatística Aplicada: Economia, Administração e Contabilidade*. 11ª Edição. Bookman. Porto Alegre;

GABINFO (2010). *Balanco quinquenal das actividades desenvolvidas no sector da Comunicação Social*. Maputo;

GIL, A.C. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo. Atlas;

GIL, A. C. (2010). *Como Elaborar Projecto de Pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 184 p;

GOMES, M. B. (2013). *O papel da inserção das rádios comunitárias em comunidades carentes*, Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de Julho;

Governo Distrital. (2015). *Plano Económico do Desenvolvimento Distrital*, 2015;

Governo do Brasil (2010). *Relatório de pesquisa quantitativa sobre os hábitos de informação e formação de opinião da população Brasileira: Relatório Consolidado*, Revista Meta-Pesquisa de Opinião, Governo Federal do Brasil, SP;

HERBERT, M. (1994). *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo: Cutrix;

HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V (2001). *Teorias da Comunicação*. Petrópolis, RJ: Vozes;

ICS (2014). *Relatório de Balanço Anual*. Maputo;

INCRA/PNUD (1995). *Desenvolvimento empresarial nos assentamentos*. Programa de capacitação em apoio à Reforma Agrária. Brasília: INCRA, v.1;

INE (2007). *Estatística distrital* (Estatísticas do Distrito de Homóiine). Maputo;

INE (2011). *Censo Agro-pecuário CAP 2009 - 2010: Resultados Preliminares* – Moçambique;

INE, *Projeções Anuais da População Total, Urbano e Rural, 2007 – 2040*;

JACOBUS, R. e GIRARDI, I (2009). *Para Fazer Rádio com “C” maiúsculo*. Revolução Ideias. Porto Alegre. Disponível em: <http://webreserch.files.wordpress.com/2009/07/cartilha.pdf>;

JANE, T. J. (2004), “*O papel das rádios comunitárias na educação e mobilização das populações para os programas de desenvolvimento local em Moçambique*”. Comunicação apresentada no anuário internacional de Comunicação lusófona. Maputo;

JANE, T. J. (2006), *Comunicação para o desenvolvimento: o papel das rádios e televisões comunitárias na educação para o desenvolvimento local de comunidades locais em Moçambique*. São Bernardo do Campo: Unesp;

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. (2010). *Fundamentos de metodologia científica*;

LEVINE, D. M. / BERENSON, M. L. / STEPHAN, D. (2000). *Estatística: Teoria e Aplicações usando Microsoft Excel em Português*. Rio de Janeiro: LTC;

LOPES, Armando (s.d). *Iniciação ao Jornalismo: 10 /11*. Porto: Porto Editora;

MAE (Ministério de Administração Estatal) (2005). *Perfil do distrito de Homóiine*. DNAL. MITIER Consultoria e Desenvolvimento Lda;

MÁRIO T. V. (2012). *Guia de Reforma das Políticas e Legislação da Comunicação Social em Moçambique*, Edição: Friedrich EbertStiftung, Impressão: Ciedima;

MÁRIO, T. V. (2008). *Direito à Informação e Jornalismo em Moçambique*. Maputo, Ndjira;

MÁRIO, T. V. (2010). *Radiodifusão Pública em África: Moçambique*, Uma Pesquisa, AfriMAP, OSF-SA, OSIMP. Publicação das Fundações da Open Society;

MATAKALA, P.W. (2001). *Community Needs and Demands and their Actual Involvement in Forest Management*, A Regional Analysis. Presented at the DANCED-DANIDA Sustainable Forest Management Workshop, Windhoek, Namibia, August 14 – 16;

MCLEISH, Robert. *Produção de Rádio: um Guia Abrangente de Produção Radiofónica*. São Paulo: Summus, 2001.

MESQUITA, G. (2009). *Jornalismo e desenvolvimento local: Análise do Jornal do Comércio Agreste, Pernambuco. Dissertação* (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local): Universidade Federal Rural de Pernambuco;

MKAIMA, F. C. (2011). *As Rádios Comunitárias em Moçambique: Contributo para uma Análise*. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação). Instituto Universitário de Lisboa;

MOSCA, João. (2012). *Contributos Para o Debate da Agricultura e do Desenvolvimento Rural*. Maputo, Escolar Editora;

NAMBURETE, E. (2003). “*A Comunicação Social em Moçambique: da Independência à Liberdade*”, comunicação apresentada no *Anuário Internacional De Comunicação Lusófona*, Abril 2003, São Paulo;

NAVARRO, Z. (2001). *Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos*, Estudos Avançados (15) (43), Porto Alegre;

NAVARRO, Z.(1999). *Manejo de recursos naturais e desenvolvimento rural: um estudo comparativo em quatro estados brasileiros (lições e desafios)*. Porto Alegre, [manuscrito não publicado];

OLIVEIRA, I. (2000). *Educomunicação: Um Campo de Mediações*. São Paulo;

PASE, H. L. (2001). *Democracia Participativa e Desenvolvimento: A influência do orçamento participativo no desenvolvimento rural de Floriano Peixoto*, *Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, UFRGS, Brasil, p21*;

PAULA, Patrícia Filipa (2011). *Rádios Comunitárias: “Voz di Povo”*. A experiência africana: os casos da Guiné-Bissau e Moçambique. Lisboa, ULHT-UEICTS;

PERUZZO, C. M. K. (2002). *Comunicação para a Cidadania*. São Paulo;

PUTNAM, R. D. (2001). *La Comunidad próspera*. El capital social y la vida pública. In: HERREROS, Francisco; FRANCISCO, Andrés de (Comps.). *Capital social*. Zona Abierta;

QUEIROZ, A., FAVARO, J.E. & MOLINA, V. (2014). *Indústrias Criativas: Panorama do Mercado de Trabalho na Área da Comunicação*, Um Estudo Comparado Cone Sul e Moçambique, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho. ISBN 978-989-8600-21-9, pp. 381 -395;

RODRIGUES, A. D. (1990). *Estratégia da Comunicação de Massas*. 1ª Edição, Porto Edições ASA;

ROGERS, E (2003). *Diffusion of Innovations*, 5ª edição, New York: Free Press;

SADIQUE, F. M (2003) *Temático para as Rádios Comunitárias*: UNESCO/UNDP. Grupo Editorial de Agricultura;

SEN, A. (1999). *Desenvolvimento como Liberdade*. Editora: Companhia de Bolso, São Paulo;

SILVA, B. (1986). *Dicionários de Ciências Sociais. Rio de Janeiro*. Editora- Fundação Getúlio Varga;

SOARES, Daniela de Jesus (2000). *Rádios comunitárias e democracia*. Relatório final de Pesquisa do PAD-Programa de Aprimoramento Discente do Departamento de Comunicação Social da UFMG/Grupo “Comunicação e Movimentos Sociais”;

TAUK, M. S. S. (1998). *Políticas de Comunicação Rural nos anos 90*: Introdução. Recife, Imprensa Universitária;

TAVARES, R. (1999). *Histórias que o rádio não contou: Do Galena ao Digital, desvendando a Radiodifusão no Brasil e no Mundo*. Ed. Harbra, 2ª ed, São Paulo;

TRAQUINA, N. (2004). *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. V. 1. Florianópolis: Insular;

UNDP, *Mozambique: Peace and economic growth: Opportunities for human development*, National Human Development Report. Maputo. s/d;

UNESCO (2001), *Report on a community radio seminar*, Maputo;

UNESCO. *Centros Multimédia Comunitários*. Paris. s/d;

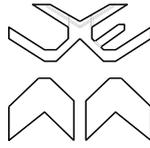
UNICEF (2005). *A Statistical Profile of Disparities in Mozambique, November 2005, indicadores 80-81*;

WEJNERT, B. (2002). “*Integrating Models of Diffusion of Innovations: a Conceptual Framework*”, *Annual Review of Sociology*. 28, pp. 297-326;

WOLF, M. (1995). *Teorias da Comunicação. Mass Media: contextos e paradigmas; Novas tendências, efeitos a longo prazo, o Newsmaking*. Lisboa, 4ª edição;

www.amarc.org, acessado no dia 23 de Setembro de 2015.

APÉNDICES



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE AGRONOMIA E ENGENHARIA FLORESTAL

MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL

Formulário de Entrevista de Campo Nr _____

“Papel das RC na promoção do Desenvolvimento Rural: o caso da Rádio Comunitária de Homoíne”

Nome do entrevistado _____
Idade _____ Sexo F M
Função que ocupa dentro da comunidade _____
Escuta a RC Sim Não
Nome da comunidade _____

Nome da entrevistadora: Judith Celeste J. D. Chihulume (Autora)

Homoíne, 2013

Entrevista aos ouvintes da RC

1. Escuta rádio? Sim Não

2. Porque escuta a rádio?

3. Qual é a rádio que mais escuta e porque?

4. Quais são os programas que mais escuta? -

5. Dentre esses, qual é o que mais gosta?

6. Em que é que lhe ajuda?

7. Desde que começou a escutar a RC, o que é aprendeu dos seus programas?

8. Coloca em prática o que aprendeu? Sim Não

9. De exemplo do que aprendeu a partir da RC e põe em prática no seu dia-a-dia.

10. Acha que os locutores fazem bem o seu trabalho? Sim Não

11. O que acha que se devia fazer para melhorar a programação da RC?

12. Em que língua escuta a rádio?

13. Tem havido consultas por parte dos fazedores da rádio para saber que tipo de assuntos a população gostaria que fossem abordados? Sim Não

14. Se sim, essa consulta é feita de quanto em quanto tempo?

15. Quais são os assuntos que mais são abordados na RC?

16. E acha que esses assuntos são de interesse da comunidade? Sim Não

17. A RC aborda temas relacionados com o desenvolvimento rural? Sim Não

18. Se sim, dê exemplo de um.

19. Acha que desde que a RC está implantada aqui, houve alguma mudança no seio da comunidade? Sim Não

20. Se sim, dê um exemplo.

21. Se não, porquê?

22. Como seria a vida aqui sem a Rádio Comunitária?

23. Já ouviu falar de desenvolvimento rural? Sim Não
24. Se sim, como ouviu falar? Através de Rádio Amigos Extensionista Televisão
 Outros Especifique _____
25. Acha que a sua comunidade pode passar por este processo? Sim Não
26. Como?

27. Qual tem sido o papel dos líderes locais na RC?

28. O que acha que RC devia fazer mais para promover o desenvolvimento rural?

Entrevista aos Jornalistas e locutores da RC

1. Jornalista locutor
2. É formado nessa área em que trabalha? Sim Não
3. Se sim, onde teve a formação?

4. Há quanto tempo trabalha na RC?

5. Quem concebeu a linha editorial da RC?

6. Há quanto tempo foi?

7. Acha que ela está de acordo com trabalho que vocês fazem? Sim Não
8. Se não, porquê?

9. Que tipo de programas vocês mais produzem?

10. Acha que eles satisfazem os anseios do público ouvinte? Sim Não
11. Se não, porque?

12. Ao elaborarem a vossa grelha de programas, fazem alguma auscultação nas comunidades sobre o que elas gostariam de ouvir? Sim Não
13. Se não, porquê?

14. Tem alguma rubrica específica voltada ao desenvolvimento rural? Sim Não
15. Se sim, qual é o nome?

16. Como avaliam o resultado do vosso trabalho?

17. Existe algum espaço no “vosso microfone” para a comunidade? Sim Não

18. Se sim, como é feito?

19. Se não, porquê?

20. Qual é a relação que a RC tem com as autoridades locais?

21. Está satisfeito com o trabalho que faz? Sim Não

22. Se não, porque?

23. O que acha que RC devia fazer mais para promover o desenvolvimento rural?

Figura 10: Idiomas e Horas de Antena na RCH

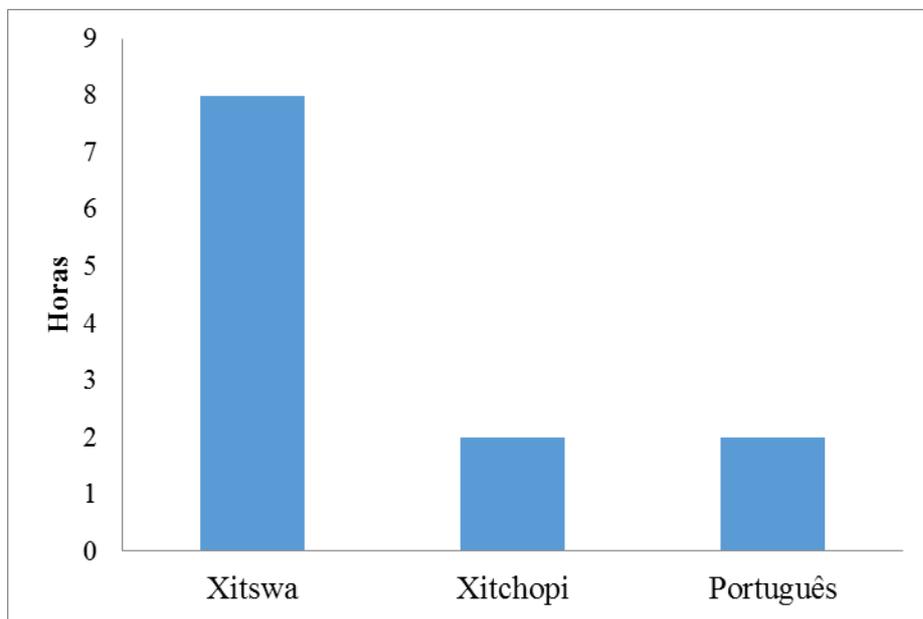
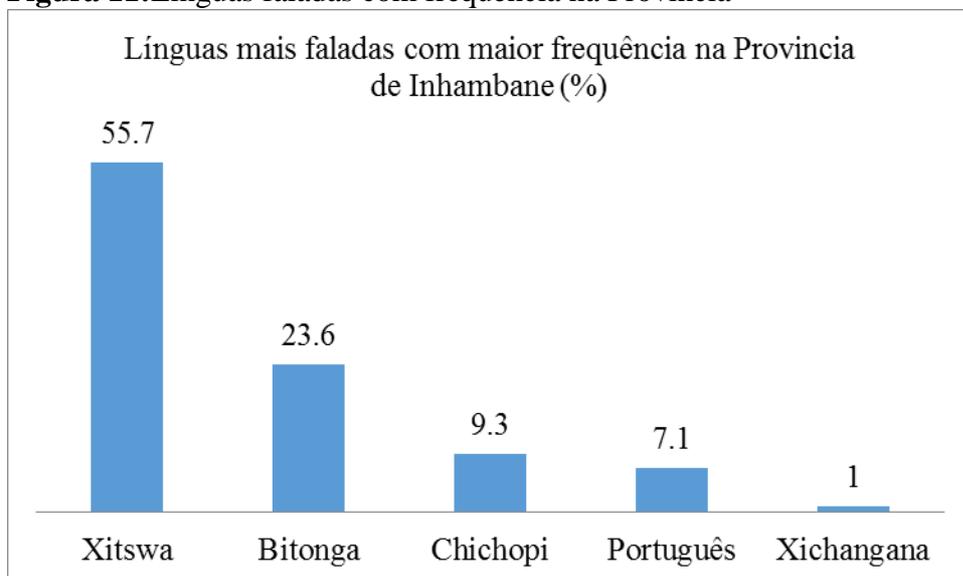


Figura 11: Línguas faladas com frequência na Província



ANEXOS

Alvará para o exercício da radiodifusão

REPUBLICA DE MOÇAMBIQUE
GABINETE DE INFORMAÇÃO

ALVARÁ PARA O EXERCÍCIO DA DIFUSÃO RADIOFÓNICA E TELEVISIVA
(Art.º 13 Decreto nº 9/93 de 11 de Junho)

— — — — —

Nos termos do nº 2 do artigo 3 do Decreto nº 9/93 de 11 de Junho, conjugado com a Resolução nº 26 / 2001 de 15 de Maio do Conselho de Ministros, a) à Associação da Rádio Comunitária de Homóine com sede em Inhambane - Vila de Homóine está autorizado/a a exercer a actividade de difusão b) Sonora através da Rádio Comunitária de Homóine em c) Ondas Métricas - FM, cuja Frequência é 103.0 Mhz. para a cobertura de _____ Na faixa de _____ KHz/MHz, com potência máxima de radiação de _____ e atenuação mínima das Emissões _____

As emissões serão em língua(s) Português, Xitswa e Chope.

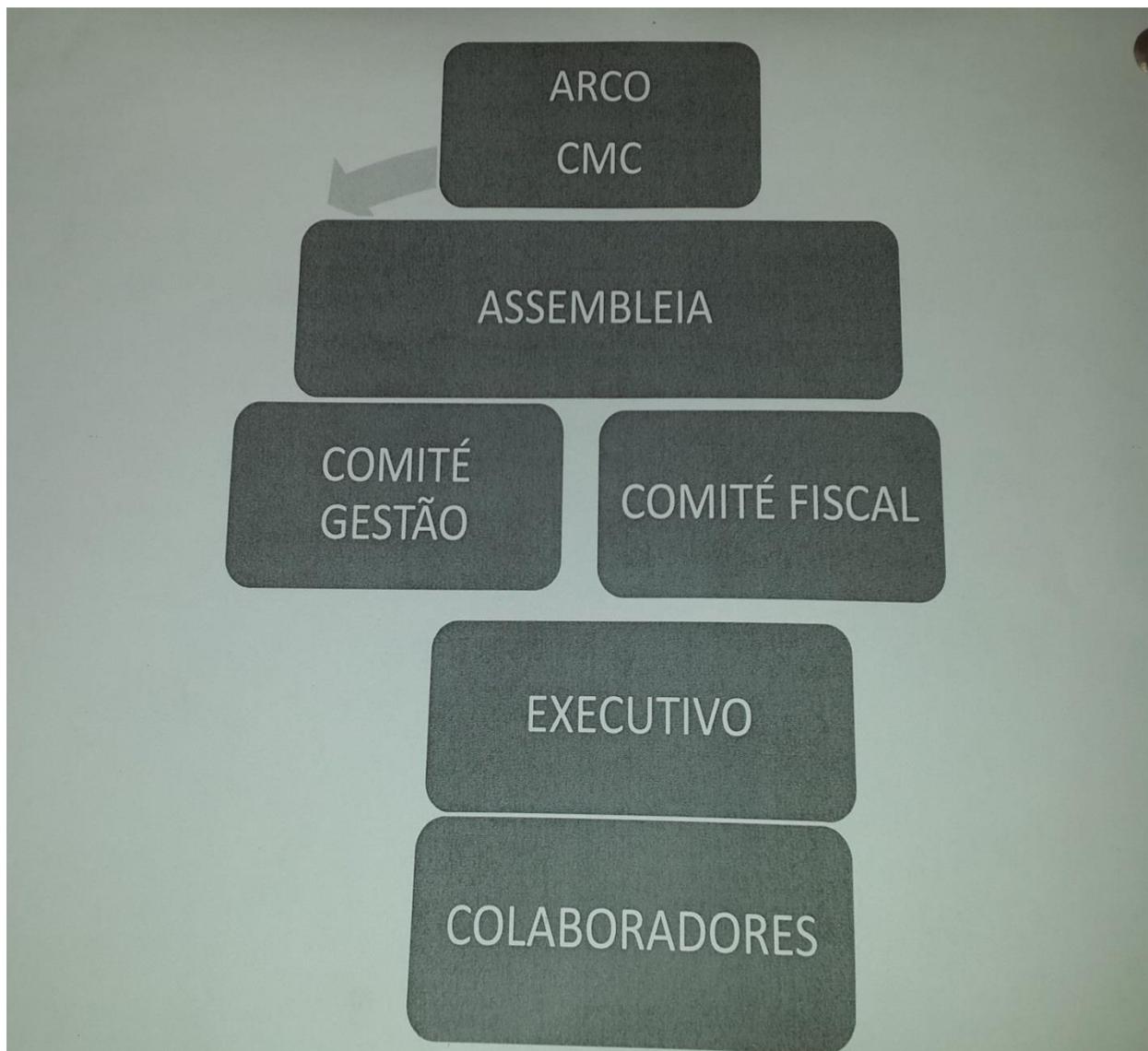
O período de emissão deverá situar-se entre as 4:50 as 21:00 horas.

Este alvará é válido por _____

Maputo, 27 de Junho de 2001

O Director
[Assinatura]

Organigrama da RC ARCO



Programação da Rádio em língua Cicopi

ARCO
RÁDIO COMUNITÁRIA DE HOMOINE
CENTRO MULTIMEDIA COMUNITÁRIO
CMC
GRELHA DE PROGRAMAÇÃO
CHOPE

HORA	08:50	09:00	09:05	09:15	10:00	10:35	11:00	11:50
2ª Feira	Abertura	Topicos	Inf.Varias	Desporto	Noticiario	Agricultura	Inf.Varias	Transição
3ª Feira	Abertura	Topicos	Inf.Varias	Cultura	Noticiario	Mus.Variada	Inf.Varias	Transição
4ª Feira	Abertura	Topicos	Inf.Varias	Mus.Local	Noticiario	Dedicatoria	Inf.Varias	Transição
5ª Feira	Abertura	Topicos	Inf.Varias	Meio Ambiente	Noticiario	Mulher/Vida	Inf.Varias	Transição
6ª Feira	Abertura	Topicos	Inf.Varias	Musica Tropical	Noticiario	Magazine	Inf.Varias	Transição
Sábado	Abertura	Topicos	Inf.Varias	Musica Variada	Noticiario	Dedicatorias	Inf.Varias	Transição
Domingo	Abertura	Topicos	Inf.Varias	Mus.Gospel	Noticiario	Telefonemas	Inf.Varias	Transição

Programação da Rádio em língua Portuguesa

RÁDIO COMUNITÁRIA DE HOMOINE
CENTRO MULTIMEDIA COMUNITÁRIO
GRELHA DE PROGRAMAÇÃO
PORTUGUESA

HORA	11:50	12:00	12:05	12:10	12:30	13:00	13:30	14:00	15:00
2ª Feira	Abertura	Topicos	Inf.Varias	Música	R.M.Jornal	Desporto	Informativo	Agricultura	Fecho
3ª Feira	Abertura	Topicos	Inf.Varias	Música	R.M.Jornal	Saude	Informativo	M/Ambiente	Fecho
4ª Feira	Abertura	Topicos	Inf.Varias	Música	R.M.Jornal	Dedicatorias	Informativo	Prog/Infantil	Fecho
5ª Feira	Abertura	Topicos	Inf.Varias	Música R	R.M.Jornal	Musica/Moc	Informativo	Espaco Publico	Fecho
6ª Feira	Abertura	Topicos	Inf.Varias	Música	R.M.Jornal	Musica/Tropical	Informativo	HIV/SIDA	Fecho
Sábado	Abertura	Topicos	Inf.Varias	Música	R.M.Jornal	Musica/variada	Informativo	Jovem	Fecho
Domingo	Abertura	Topicos	Inf.Varias	Música	R.M.Jornal	Dedicatorias	Resumo/da Semana	Mutaratara	Fecho

HOMOINE 2013

Programação da Rádio em língua Xitsua

ARCO
RÁDIO COMUNITÁRIA DE HOMOINE
CENTRO MULTIMEDIA COMUNITÁRIO
CMC
GRELHA DE PROGRAMAÇÃO
XITSUA 2º PERIODO

HORA	16:50	17:00	17:05	18:00	18:30	19:05	19:30	20:00	21:00
2ª Feira	Abertura	Topicos	Inf.Varias	Mahungo	Desporto	Inf.Varias	RM Jornal	Programa M/Ambiente	Fecho
3ª Feira	Abertura	Topicos	Inf.Varias	Mahungo	Saude	Inf.Varias	RM Jornal	Programa Cultural	Fecho
4ª Feira	Abertura	Topicos	Inf.Varias	Mahungo	Porg. Infantil	Inf.Varias	RM Jornal	Dedicatorias	Fecho
5ª Feira	Abertura	Topicos	Inf.Varias	Mahungo	Lei/Ordem	Inf.Varias	RM Jornal	Magazine	Fecho
6ª Feira	Abertura	Topicos	Inf.Varias	Mahungo	Jovem	Inf.Varias	RM Jornal	Bandla	Fecho
Sábado	Abertura	Topicos	Inf.Varias	Mahungo	Karingana	Inf.Varias	RM Jornal	Dedicatorias	Fecho
Domingo	Abertura	Topicos	Inf.Varias	Mahungo	Cena Aberta	Inf.Varias	RM Jornal	Telefonemas	Fecho

Imagem do Edifício da RCH



Imagem de Sala de Informática

